

TCC/UNICAMP

B12i

IE/519



1290000519



IE

TCC/UNICAMP B12i

Universidade Estadual de Campinas

UNICAMP

Instituto de Economia



A Inserção Brasileira no Mercado Global: Uma Análise da
Importância das Filiais Brasileiras de Empresas
Transnacionais para suas Matrizes na Década de 90

Trabalho de Monografia
Professor Orientador: Mariano Laplane
Ana Paula Trasferetti Baccan

Campinas, Dezembro de 1999.

TCC/UNICAMP

B12i

IE/519

CEDOC/IE

Índice

INTRODUÇÃO	4
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
Teorias do Investimento Direto Externo	10
Investimento Direto Externo no Brasil	15
RESULTADOS EMPÍRICOS PARA O ANO DE 1998	20
Classificação segundo os setores de atuação	20
Classificação segundo o país de origem	24
RESULTADOS EMPÍRICOS PARA O ANO DE 1990	27
Classificação segundo os setores de atuação	27
Classificação segundo países de origem	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
BIBLIOGRAFIA	40

Introdução

A economia brasileira tem um grau de internacionalização produtiva muito grande se comparada com o restante do mundo (ocupava o quinto lugar no final da década de 70), com mais de 32% da produção interna controlada por empresas transnacionais (ET's). Em dados para o final da década de 70, o Brasil aparecia na frente de países como a Argentina, o México e até mesmo Hong-Kong. (TABELA 1) Essa entrada de capital produtivo externo, como se pode observar, não data da abertura econômica do início da década de 90 ou da estabilização com a adoção do Plano Real em 94. A importância desse capital já vem do início do processo de industrialização, tardia, da nossa economia.

No período da industrialização pesada (1955-1980), a realização, por parte do Estado, de investimentos em infra-estrutura só foi possível devido à união deste ao capital externo. No ciclo de expansão da economia brasileira, que compreende o final da década de 60 e início da década de 70, o fluxo de investimentos diretos externos (IDE's) para o Brasil representou cerca de 3% da formação bruta de capital fixo. Já na década de 80, os IDE's feitos nas décadas anteriores foram responsáveis por boa parte da nossa pauta exportadora, tendo um papel bastante significativo no equilíbrio do balanço de pagamentos do país.

Na década de 90, os fluxos de IDE's retornaram ao Brasil e cresceram de forma significativa se comparados com os dados das décadas anteriores: aproximadamente US\$2.3 bilhões anuais na década de 70, caindo abruptamente para US\$350 milhões anuais na década de 80, US\$ 600 milhões de 1990-93, US\$ 1,9 bilhões em 1994, US\$ 3 bilhões em 1995 e superando US\$ 7 bilhões em 1996.¹

¹ Os dados de 1996 são bastante viesados pela entrada de capitais para a aquisição de empresas públicas (privatizações, principalmente a Light) e para a aquisição dos bancos nacionais (Proer). Mas, mesmo se descontados esses montantes, o ingresso de capital externo ainda foi bastante significativo no período.

A tendência explosiva da entrada de capitais no país continuou nos anos de 1997 e 1998 (US\$17 milhões e US\$ 27 milhões respectivamente).

TABELA 1

Participação percentual de empresas transnacionais na indústria de transformação, países selecionados (dados para o final dos anos 70)

País	Produção	Emprego
Cingapura	62,9	54,6
Canadá	56,6	44,3
Bélgica	44,0	38,0
Malásia	44,0	19,7
Venezuela	35,9	nd
BRASIL	32,0	23,0
Argentina	29,4	18,9
Colômbia	29,0	nd
Austrália	28,7	23,6
Chile	28,0	nd
França	27,8	19,0
México	27,0	21,0
Peru	25,2	13,5
Itália	23,8	18,3
Áustria	22,7	21,8
Alemanha	21,7	16,8
Grã-Bretanha	21,2	13,9
Coréia do Sul	19,3	9,5
Hong-Kong	13,9	9,8
Estados Unidos	11,5	7,3
Uruguai	11,5	nd
Espanha	11,2	nd
Noruega	10,4	6,7
Dinamarca	8,8	nd
Suécia	7,3	5,7
Índia	7,0	13,0
Japão	4,2	1,8
Finlândia	2,7	3,3
Filipinas	nd	8,6
Formosa	nd	16,7

Fontes: UNCTC, *Transnational Corporations in World Development. Trends and Prospects*, New York, United Nations Centre on Transnational Corporations, 1988, Tabela X.1; e A. E.

Safarian, *Governments and Multinationals: Policies in the Developed Countries*, Washington D.C., British-North American Committee, 1983, Tabela 2.

Notas: Os dados referem-se, na maior parte dos casos, ao final dos anos 70.
(nd) não disponível

Nos anos 70, esses investimentos concentraram-se nos setores mais intensivos em tecnologia (materiais elétricos, material de

transporte, produtos farmacêuticos e químicos) e nos setores nos quais o Brasil possui vantagens comparativas (setor de processamento de alimentos). O fato de as ET's estarem se instalando aqui em setores intensivos em tecnologia não significou que a estratégia industrial dessas empresas fosse a implementação de subsidiárias baseadas em tecnologia de ponta, em definir P&D ou na produção de bens dinâmicos em tais setores de atuação. O que se verificou foi um atraso tecnológico e organizacional dessas plantas ao longo da década de 80, acomodados pelas características do mercado interno - em muitos dos casos essas empresas encontravam-se em situação oligopolística ou de monopólio - e pela existência dos subsídios governamentais.

Apesar desse atraso dos parques produtivos, do não-dinamismo dos produtos fabricados aqui, grande parte da inserção do Brasil no mercado internacional deve-se ao que é produzido e exportado por essas empresas. E agora, ao final da década de 90, quando a atividade de exportação mostra-se imprescindível para colocar o país novamente num ciclo expansivo, a participação dessas empresas mostra-se de uma relevância cada vez maior.

O discurso do governo é a favor da entrada de novos IDE's - estes de início ajudariam nossa balança de capitais, gerando um fluxo de entrada de recursos bem menos voláteis do que os oriundos dos investimentos em portfolio e que vem em busca das altas taxas de rentabilidade por causa dos juros altos. Depois, seriam fonte de novos empregos via expansão da capacidade produtiva instalada, dinamizariam nosso mercado interno e nossa pauta de exportações. Com uma pauta de exportações mais dinâmica, exportaríamos mais e conseguiríamos, quem sabe, atingir um saldo positivo na balança comercial suficiente para reequilibrar nosso balanço de pagamentos.

Além do que, a entrada de novas empresas transnacionais (ET's) ocasionaria um impulso na produtividade brasileira, estagnada desde a década de 80, via concorrência, estimulando a implantação de novas tecnologias e modificando com isso a dinâmica da inovação tecnológica existente. A avaliação sobre o processo de abertura econômica e de entrada dos IDE's na década de 90 apresentada por Moreira & Corrêa é de que esse processo teria tido um saldo positivo para a economia brasileira.

Existe também uma avaliação diferente, menos otimista, em relação aos investimentos externos. "...*there is no such thing as a free lunch*." (Dunning, 1994) A frase de Dunning elucida a idéia de que, os ganhos que podemos ter com a entrada dessas plantas no país teriam também uma contrapartida talvez não tão benéfica. A maior parte dos IDE's que entraram no país na década de 90 foi destinada aos processos de aquisições e fusões com as empresas nacionais e/ou para participar do programa brasileiro de privatizações.

Outros IDE's teriam sido feitos no setor de commodities para exportação. Isso sim poderia indicar um aumento do dinamismo produtivo brasileiro, uma vez que visa colocar produtos que foram feitos aqui, competitivamente, no mercado internacional. Porém, esses investimentos não alteram em nada, pelo menos não num primeiro momento, a inserção brasileira na dinâmica do comércio internacional. O Brasil continuaria exportando produtos de menor valor agregado e importando tecnologia, resultando conhecido problema de desequilíbrio da balança comercial.

O objeto deste trabalho é o estudo da inserção internacional dessas empresas estrangeiras localizadas no Brasil a partir da análise da importância das filiais brasileiras para as operações da matriz no mundo - a produção das subsidiárias brasileiras, para a totalidade produzida por essas empresas transnacionais no restante do mundo, incluindo sua matriz. A relevância dessas empresas para a melhoria da dinâmica produtiva nacional parece, de certa forma, evidente, mas,

qual será a relevância desses investimentos feitos no Brasil para o montante total de investimentos dessas empresas no mundo? Qual a relevância da subsidiária brasileira para a sua matriz?

A importância da filial será avaliada por meio da comparação do faturamento no Brasil com o faturamento mundial das empresas estrangeiras. Embora a contribuição percentual do faturamento no Brasil para o faturamento mundial não permita avaliar alguns aspectos relevantes da verdadeira importância da filial brasileira para a matriz (como, rentabilidade relativa, acesso a insumos estratégicos, etc.), é um indicador passível de construção a partir de dados públicos e que permite comparações intersetoriais e intertemporais.

Para tanto foram utilizados os dados das principais publicações sobre empresas: Exame (Maiores e Melhores), Balanço Anual da Gazeta Mercantil e a Conjuntura Econômica para os dados das subsidiárias brasileiras; Fortune, Forbes e Business Week para os dados das empresas matrizes; além de dados disponíveis nos sites dessas empresas. Afim de identificar as ET's de maior relevância no mercado mundial que possuem filiais no Brasil, foi feita uma comparação entre as listas das maiores empresas que constam nessas publicações e foi montada uma lista de empresas relevantes e de seus respectivos faturamentos e países de origem.

A avaliação da importância do Brasil para os negócios das empresas no mundo está sendo feita com a construção de indicadores da razão entre o faturamento da filial brasileira e o faturamento total da empresa no mundo. A partir daí as empresas foram classificadas segundo seus setores de atuação e segundo o país de origem do capital, para que possam ser identificados os setores mais importantes para a atuação dessas subsidiárias e a origem do capital investido aqui.

Apesar da tendência mundial de internacionalização da produção na década de 90 estar se dando, segundo Dunning (1994), principalmente devido a busca de eficiência produtiva (*efficiency-*

seeking) ou devido a busca por ativos estratégicos (*strategic asset-seeking*), o que se verificou com esse trabalho foi que os IDE's que foram feitos aqui são de maior importância relativa para a sua empresa matriz quando estão relacionados a setores voltados à exportação de commodities, tanto primárias quanto industriais. Também tenderia a ser maior a importância do Brasil nos setores onde o mercado interno é de grandes proporções.

Segundo informações levantadas nesse trabalho, a trajetória de dependência e subordinação do Brasil frente aos IDE's se sobrepõe em muito ao discurso do governo de se estar colocando o país numa rota mais dinâmica e independente de desenvolvimento. Isso porque os setores nos quais as subsidiárias apresentam participações relativas mais significativas no faturamento da empresa matriz são ainda os setores que tiveram/tem um alto estímulo governamental (como é o caso dos setores de automobilística e de equipamentos de transporte) e nos setores onde o Brasil possui recursos produtivos abundantes.

Revisão Bibliográfica

O investimento internacional pode se dar, basicamente, de duas formas distintas: pelo Investimento de Portfolio ou através do Investimento Direto Externo (IDE). A empresa transnacional pode ser considerada o principal agente de realização do IDE e conseqüentemente o maior responsável pela evolução da internacionalização produtiva.

A razão para a internacionalização parece, até certo ponto, óbvia e inquestionável: expandir fronteiras e com isso expandir mercados. A necessidade da firma em expandir mercados aparece como intrínseca à sua existência e inevitável à sua sobrevivência. Colocar a internacionalização como a única forma de expandir mercados e como uma “estratégia” disponível à todos é fazer uma generalização um pouco perigosa e bastante imprecisa.

As questões a serem discutidas agora são quais as empresas que tem esse potencial de expansão/internacionalização e quais são os fatores que definem qual a melhor forma de internacionalização para cada empresa.

Assim, o texto que segue apresenta as diversas teorias do investimento externo e suas evoluções, até chegar à Teoria da Internacionalização Produtiva, além de inserir o Brasil nesse contexto teórico.

Teorias do Investimento Direto Externo

O movimento internacional de capitais é claramente determinado pelo diferencial de rentabilidade que pode se dar entre os diversos mercados/países. Sendo assim, um país que paga uma taxa de juros maior para o capital que é investido lá, tende a receber, numa situação de neutralidade ao risco, maior influxo de capitais internacionais do que países que tenham taxas de juros menores.

A movimentação desse capital é afetada de forma significativa pelos diferentes riscos relacionados a cada país e pela facilidade de movimentação do capital. Uma vez que o retorno, ponderado ao risco, resulta numa taxa maior que o da aplicação nacional do capital, este tende a buscar o ganho de rentabilidade.

Os determinantes do IDE são, de forma geral, os mesmos que definem o movimento de capital: o diferencial da taxa de retorno, ponderado ao risco. A grande diferença entre o investimento produtivo e o investimento financeiro está nos fatores que determinam o risco e a lucratividade do investimento. Assim sendo, a teoria do IDE parte da idéia de que não só as diferenças dos atributos de cada país são relevantes como, mas também, e principalmente, as diferenças entre as empresas e os países são importantes para a determinação do risco e da rentabilidade de um investimento.

“Assim, o diferencial de rentabilidade de operações distintas de IDE está determinado pela interação de um conjunto de características específicas a cada espaço possível de localização (fatores locacionais específicos) com os atributos de empresa (fatores específicos à propriedade).” (Gonçalves, et al, 1998)

A internacionalização da produção pode se dar de três formas diferentes: o comércio internacional, o IDE propriamente dito, com a instalação de uma nova planta produtiva em um outro mercado, ou por meio de uma relação contratual (associações, concessões...). Nem todas as empresas tem o potencial para se internacionalizar. Esse depende de algumas características específicas da firma que lhe confere vantagens, possibilitando a sua inserção no processo de internacionalização.

Em um mercado perfeito, sem barreiras à entrada ou sem vantagens de propriedade, por exemplo, não existiria estímulo algum para a internacionalização – as empresas só teriam a perder ao sair de seu mercado tradicional, deslocando-se para um mercado que, no mínimo, não possui as mesmas características que o de origem. A

partir do momento que uma firma carrega consigo um ativo que lhe confira certa vantagem competitiva – ou seja, que lhe garanta o lucro extra - seu deslocamento passa a ser possível. Isso é independente do fato de que, por estar atuando em um mercado diferente, a empresa teria que incorporar custos adicionais, essas vantagens que carrega lhe garantiriam um sobrelucro que cobriria o custo extra no novo mercado e ainda lhe garantiria certa lucratividade.

São essas vantagens que dão origem a internacionalização. Elas é que tornam viável tanto a transferência de uma planta produtiva de um país para outro quanto a associação de uma empresa com uma outra em busca de novas tecnologias, ou mesmo o estabelecimento de uma rede de distribuição e de comércio em um outro país (exportação).

Essas vantagens podem tomar diversas formas.

As vantagens de propriedade, que podem ser definidas como sendo a posse ou disponibilidade de capital, tecnologia, recursos gerenciais, organizacionais ou mercadológicos, definem a capacidade que uma empresa tem de se internacionalizar. Mas, só as vantagens de propriedade não são suficientes para determinar todo o processo de internacionalização.

“Na teoria moderna de industrialização da produção, o argumento central é, então, que a posse de vantagens específicas à propriedade – que dá à empresa um certo poder monopolístico – é uma condição necessária à internacionalização da produção. A partir desse ponto a questão teórica importante é saber quais são os determinantes da forma de internacionalização da produção.” (Gonçalves, et al, 1998)

As vantagens locais dependem não só das características do país de origem e de destino do produto. Dependem também, por exemplo, da dotação de fatores, tamanho do mercado, potencial de crescimento do mercado, custo de transporte, barreiras comerciais, disponibilidade de infra-estrutura, economia de escala e do aparato regulatório. É a partir dessas características que uma firma pode analisar a viabilidade de transferência de uma planta

produtiva para dado país.

As vantagens de internalização estariam definindo se seria mais vantajoso explorar o mercado externo, via associação a uma firma local ou de forma independente.

A interrelação desses três tipos de vantagens resultaria na possibilidade de internacionalização (vantagens de propriedade) - a direção que esse processo deveria tomar (vantagens de localização) e a forma mais viável para o investimento (vantagens de internalização).

As primeiras teorias que tentavam explicar a internacionalização do capital produtivo baseavam-se na existência de diferentes dotações de fatores de produção e nas vantagens comparativas. Assim seria a explicação segundo o modelo Heckscher-Ohlin-Samuelson. As empresas iriam em busca de localidades onde o recurso utilizado em seu processo produtivo fosse abundante e conseqüentemente apresentasse um custo menor. Essa redução nos custos dos fatores lhe confeririam as vantagens para o sucesso no processo de internacionalização. Os produtos estariam sendo produzidos num local onde os fatores utilizados em seu processo produtivo fossem abundantes e lhes conferissem certa vantagem comparativa no comércio internacional de tal bem (a abundância do fator naturalmente implicaria numa redução no preço do mesmo).

Vernon tentou explicar a instalação de plantas produtivas em outros países segundo uma Teoria do Ciclo do Produto. Essa consistia numa evolução de um determinado ciclo produtivo (3 fases) determinando o seu padrão de internacionalização: 1) fase do produto novo, onde tanto a renda per capita quanto os salários são altos. O produto chega ao mercado de forma não padronizada, com uma demanda extremamente inelástica. A mão-de-obra utilizada é bastante qualificada, daí o alto custo da produção. Seria a fase de desenvolvimento do produto; 2) a fase de maturação é caracterizada por um produto mais padronizado. É neste estágio que este passa a fazer parte do mercado internacional, e daí decorrem os estímulos ao

investimento externo direto na medida em que o processo produtivo está definido, os insumos e sua composição estão especificados, e existe uma maior preocupação com os custos, os diferenciais do custo de produção, principalmente aqueles relacionados com o custo do transporte dos bens, começam a afetar a decisão da firma no que se refere à exportar ou fabricar o produto num mercado externo.; 3) a última fase, com completa padronização e orientação para a produção em massa, os custos de produção são muito mais importantes do que antes devido aos substitutos que aparecem no mercado. Com os insumos e o processo produtivo já especificados, cria-se a possibilidade da produção em países subdesenvolvidos, onde o trabalho é um fator de menor custo e portanto muito importante para que se consiga redução nos custos e consequente redução nos preços do produto.

Alguns objetivos complementares à esse trabalho do autor seriam a identificação de características que determinam os investimentos diretos externos (IDE's), como o tamanho da firma, a lucratividade, o grau de diversificação e o montante de gastos em P&D e marketing.

Vernon preocupa-se somente com a internacionalização produtiva em busca de maior disponibilidade de fatores a custos menores para a produção. Isso explicaria, segundo Dunning (1994) só uma parcela dos IDE's que são feitos hoje em dia. Ele cita quatro "razões" para a internacionalização produtiva:

- Resource-seeking;
- Market-seeking;
- Efficiency-seeking;
- Strategic asset-seeking.

As duas primeiras foram importantes principalmente durante o primeiro impulso da internacionalização do capital (pós-Segunda Guerra), até o final da década de 70. Nos anos 80 e 90, o impulso internacionalizante foi mais devido à busca por eficiência e

ativos estratégicos (efficiency-seeking e strategic asset-seeking). A tendência também é de que as empresas que estão saindo de seu mercado original pela primeira vez, o façam pelas razões de resource-seeking e market-seeking. O investimento visando o efficiency-seeking e strategic asset-seeking tende a acontecer quando o impulso internacionalizante é seqüencial a um impulso anterior.

A crença hoje é de que uma empresa, com a posse de uma determinada técnica produtiva ou administrativa, ou um produto tecnologicamente superior, pode alterar as condições de competitividade de um país, afetando as suas diversas formas de competitividade futuras. O modo com que cada ET vai afetar cada país depende das características intrínsecas a cada um desses, não podendo-se portanto, generalizar os efeitos de um impulso internacionalizante.

Considerando essas características do movimento internacionalizante, podemos dizer que, nos anos 90, as ET's são as principais disseminadoras do conhecimento adquirido. É esse conhecimento, interagindo com as técnicas organizacionais, que garante a vantagem à empresa quando esta muda para o novo mercado (fora de seu país de origem).

Investimento Direto Externo no Brasil

A presença de empresas estrangeiras no Brasil não é recente, data de meados do século passado, quando dos interesses britânicos nas economias latino-americanas. Porém, sua entrada foi mais significativa a partir dos anos 50. (Possas, 1983) Esses investimentos levavam em conta tanto as condições externas quanto internas, bem como os vínculos entre elas.

No início, os investimentos se davam em atividades não-manufatureiras (setores bancário, de seguros, etc.). Com o desenvolvimento do mercado consumidor nacional, novas oportunidades foram surgindo. É possível caracterizar as três

primeiras décadas do século como um período intenso de crescimento industrial. O capital estrangeiro teve participação ativa nesse processo. Segundo Possas, existe evidência histórica para se “comprovar” a Teoria do Ciclo dos Produtos de Vernon, onde a instalação de atividades produtivas no exterior se davam num período posterior à criação de um mercado consumidor (através da exportação e promoção de vendas). Pode-se relacionar esse fato também com a descrição de Dunning sobre a estratégia *market seeking*.

Em 1965, os IDE's no Brasil eram principalmente de origem americana, representando 40% do investimento americano total no mundo. “O significado básico das empresas multinacionais como forma dominante da expansão internacional do capital no presente está relacionado ao grau de “maturidade” das economias capitalistas desenvolvidas (particularmente EUA) no pós-guerra, no sentido de exaustão das possibilidades de ampliação do mercado dentro dos limites nacionais para as grandes empresas em relação ao seu potencial de crescimento.” (Possas, 1983) Assim, não só os mercados, mas também a produção internacionalizam-se, o que estaria caracterizando o que Dunning descreveu como sendo uma vantagem de propriedade.

As vantagens das empresas transnacionais com relação às nacionais são principalmente o tamanho das empresas matrizes (possibilidade de gerar grandes economias de escala), condições financeiras, disponibilidade de tecnologia, vantagens técnicas e comerciais, e o acesso fácil e privilegiado aos mercados internacionais de matéria-prima e de produtos.

O autor diz que a presença de grupos locais era predominante até a primeira guerra. Depois desse período (de 1941 a 1950), a predominância era de grupos de capital estrangeiro. Num terceiro período, a presença de empresas subsidiárias norte-americanas é ainda maior, perfazendo um total de 68%.(Possas, 1983) Essas empresas eram principalmente dos setores de farmacêutica,

fumo, material de transporte, borracha e cosméticos. Os setores de liderança mista (empresas nacionais competindo com o capital estrangeiro pelo domínio do mercado) eram principalmente nos setores de alimentos, produtos não duráveis e em outros setores industriais.

Uma característica freqüente das empresas subsidiárias era a sua concentração nos setores dinâmicos que proporcionassem um rápido crescimento. Daí a relação bastante clara entre a presença de capitais estrangeiros e crescimento econômico.

A postura das empresas transnacionais que se instalaram aqui mudou no decorrer do século, passando de uma posição puramente predatória (exploração) com o objetivo de obter lucro fácil e imediato “para os padrões de comportamento e produção uniformes à nível mundial.” (Possas, 1983)

O trabalho de Laplane & Sarti (1997) teve como objetivo principal a análise da contribuição do investimento externo direto (IDE) no Brasil para um desenvolvimento econômico sustentado, focando a contribuição deste para a taxa de investimento, ou seja, a contribuição da indústria estrangeira para a reestruturação industrial do país além da determinação dos fatores relevantes para atrair o capital externo.

Alguns fatores que teriam contribuído para o retorno dos IDE's foram: a estabilização econômica, a abertura comercial e a valorização cambial, “mecanismos” que acabaram por promover a recuperação do mercado interno favorecendo a entrada de capitais. Com a entrada desses investimentos no país, a sua importância aumentou (aumentou a participação destes na geração do PIB nacional), superando em muito a sua expressividade na década de 80 e início da década de 90. Esse fator mostra um aprofundamento da internacionalização produtiva da indústria brasileira durante esses anos.

A entrada desse capital se dá na forma de modernização de plantas existentes e de sua estrutura de fornecimento, expansão da

capacidade produtiva instalada e investimentos em aquisição (e/ou fusão) de empresas nacionais por filiais estrangeiras, associada a melhorias técnicas e operacionais. Também há um grande aumento da participação do capital estrangeiro no setor de serviços.

Os resultados da Balança Comercial têm sido influenciados pelos IDE's, uma vez que tem-se observado, segundo os autores, uma maior contribuição direta ou indireta das empresas estrangeiras nos maiores fluxos de importações e, ao contrário, um esforço exportador relativamente menor nos períodos de retomada da demanda interna.

Duas outras questões tratadas pelos autores foram quais são as novas características dos IDE pós-1994 (pós-Plano Real) e até que ponto essas características respaldam a hipótese de que esses investimentos contribuem para a remoção dos obstáculos ao crescimento.

Há evidências de que o comportamento dos investidores estrangeiros no Brasil nos anos 80 mudou com relação ao período de 1990/93. "A expansão do mercado doméstico renovou o interesse das empresas estrangeiras (EE) já instaladas no Brasil e tem atraído novos concorrentes." Segundo Bielschowsky, o desinteresse das EE em investir no Brasil estava no fato de que as condições macroeconômicas locais eram adversas à esse exercício. Os investimentos e os custos irrecuperáveis (*sunk costs*) só compensariam no caso de uma melhoria do mercado nacional, classificando os investimentos feitos aqui como *market seeking* (segundo a classificação feita por Dunning). A colocação da produção feita no Brasil no mercado internacional, ou seja, um incremento das exportações, é uma alternativa secundária para a maioria das ET's instaladas no Brasil, segundo a análise dos autores.

Como as empresas visam uma maior participação no mercado nacional que justifiquem o seu investimento, praticam a diversificação do produto como forma de ampliar seu mercado.

Assim, três características dos IDE's na década de 90 no Brasil teriam que ser levadas em conta: 1) seu caráter efficiency seeking; 2) o objetivo de aumento de sua participação no mercado doméstico; e 3) a importância relativa das filiais brasileiras para a empresa matriz. É nessa terceira característica que o presente trabalho pretende se concentrar.

“O estudo de Bielshowsky (1992: 25) mostrou que as filiais brasileiras esperavam, no início dos anos 90, conquistar maior participação no fluxo de comércio interfirmas de suas corporações, em função da maior abertura e da crescente especialização local.” (Laplane & Sarti, 1997)

Mas, acreditava-se que poucas filiais teriam a possibilidade de desenvolver uma participação de maior relevância junto à sua matriz corporativa, assumindo responsabilidades que ultrapassassem as fronteiras do mercado local. Essas possibilidades, desacreditadas no passado, apresentaram-se possíveis (e em desenvolvimento) nas circunstâncias atuais, o que mostra a relevância do presente estudo.

A avaliação da importância das subsidiárias instaladas no Brasil, que será realizada no próximo item, é uma tentativa de “desvendar” esse processo – será que essas ET's que já estavam aqui e as que estão se instalando durante a década de 90, acompanham a tendência mundial de internacionalização da produção e de busca de ativos estratégicos, ou será que essas empresas ainda estão aqui devido à existência de mão-de-obra com custo mais baixo que nos países da Europa e dos Estados Unidos, e da abundância de alguns recursos naturais?

Para isso levantaram-se os faturamentos das ET's no Brasil e em suas matrizes afim de se analisar a participação da filial brasileira nesse montante. Através disso, poderá se verificar quais os setores nos quais o Brasil apresenta maior participação e quais são as características relevantes de cada um desses setores.

Resultados empíricos para o ano de 1998

"Num contexto onde as grandes corporações mundiais procuram determinar e organizar as funções e operações do conjunto de suas filiais de maneira integrada, essa relação depende fundamentalmente do papel desempenhado pelas filiais de um determinado país dentro das estratégias gerais das corporações."
(Hiratuka, C., 1999)

Pretende-se, com os dados das empresas (TABELA A1 e A2 ver anexo estatístico) verificar quais os setores nos quais o país se destaca na produção internacional e quais as características comuns entre as empresas que têm o Brasil como um campo produtivo significativo. Todos os dados apresentados são do fechamento do ano de 1997, e foram obtidos, como dito anteriormente, de publicações específicas e de sites da *internet*.

Classificação segundo os setores de atuação

A partir dos dados da tabela A1 (ver anexo estatístico), construiu-se uma média, por setor, afim de analisar a participação do país em cada um desses setores no faturamento total de sua matriz. Os resultados estão colocados na tabela 2. A análise será feita levando em conta o tipo de tecnologia utilizada em cada um dos setores, a categoria de uso do bem produzido e o destino da produção (mercado interno ou exportação).

As filiais do setor de papel e celulose mostram-se bastante importante para sua matriz, tendo a filial brasileira participando, em média, de 15,62% do faturamento da matriz. Isso se deve principalmente ao fato de que o país é abundante no recurso natural

necessário para tal produção, garantindo vantagens comparativas às empresas que se instalaram aqui para realizar nessa atividade. Este setor caracteriza-se principalmente pela produção de bens intermediários (transformação de matéria-prima natural), não possuindo tecnologias maduras implementadas na produção ao longo do tempo. Grande parte da produção envolvida é destinada ao mercado externo.

As indústrias do setor de fumo também aparecem como grandes contribuintes ao faturamento das suas matrizes. Suas principais características são idênticas ao do setor de papel e celulose, podendo contar também com o fato de que parte de sua produção nacional está sendo destinada diretamente ao mercado consumidor local, fazendo parte do setor de bens de consumo não-duráveis.

Outro setor similar ao de papel e celulose é o de alimentos, também caracterizado pela maturidade da tecnologia necessária na produção. A diferença entre esses dois setores está no fato de que, enquanto a produção de celulose é basicamente destinada à exportação, a produção de alimentos é destinada ao consumo interno; e enquanto a produção de celulose é uma produção de bens intermediários, a produção alimentícia é de bens de consumo final. Ambos os setores são caracterizados como **tradicionais** e fazem parte do primeiro impulso industrializante brasileiro, ainda nas décadas de 50 e 60.

As três indústrias apresentadas acima têm uma importante característica comum que, de certa forma, ajuda a elucidar os determinantes da entrada de IDE's no Brasil: todas estão fundadas numa ampla exploração de recursos naturais abundantes, sem a necessidade de tecnologias de ponta ou processos produtivos desenvolvidos. A extensão do mercado brasileiro também é uma característica que atrai as ET's para o país. Um bom exemplo disso é a indústria de alimentos, citada anteriormente.

Outra das indústrias que são fortemente atraídas pela extensão do mercado consumidor interno é a de higiene e limpeza, no qual as subsidiárias brasileiras participam com 4,36% do faturamento da matriz. A característica de seus bens com destino ao consumo final e a utilização de tecnologias não tão avançadas faz a produção nacional ser mais relevante do que a importação desses bens. A instalação dessas indústrias no país não poderia ser explicada pela abundância de mão-de-obra a custos baixos porque a produção é bastante mecanizada, não obtendo vantagens com a redução do custo da mão-de-obra.

TABELA 2 – Média de Participação, por Setor de Atuação (1998)

Setor	Média	Desvio Padrão
Papel e Celulose	15,62%	12,93%
Alimentos	12,63%	11,63%
Automobilística	8,33%	5,57%
Equip.s de Transporte	8,23%	7,78%
Fumo	7,41%	11,27%
Eletrônicos/Informática	5,65%	5,83%
Autopeças	5,44%	3,67%
Higiene/Limpeza	4,36%	2,06%
Máquinas e Eq. Eletrônicos	4,29%	4,39%
Siderúrgica/Mecânica	4,27%	3,33%
Química	3,35%	1,14%
Telecomunicações	2,89%	2,20%
Farmacêutica	2,45%	1,43%

Fonte: Elaboração a partir de dados das publicações das revistas Fortune 500, Exame – Maiores e Melhores, Gazeta Mercantil e Conjuntura Econômica (1998).

Já a indústria siderúrgica instalada aqui, participando com 4,27% do faturamento da matriz, leva vantagens devido ao baixo custo da mão-de-obra utilizada na sua produção (intensiva nesse fator) e aos recursos minerais disponíveis.

Os setores analisados até agora estão todos vinculados as razões descritas por Dunning (1994) como sendo resource-seeking ou market-seeking. Isso mostra uma tendência de internacionalização no mercado brasileiro contrária a que o autor afirma ser predominante na

década de 90 (efficiency-seeking e strategic asset-seeking). A importância de se verificar isso é mostrar que o Brasil, até certo ponto, continua à margem da dinâmica produtiva internacional, podendo continuar a ter problemas com sua pauta de exportação (produtos pouco dinâmicos) e importação (rigidez) e com sua inserção no mercado internacional.

Dois outros setores importantes são o da indústria automobilística e a de equipamentos de transporte. As filiais brasileiras dos dois participam com perto de 8% da produção total da matriz. A produção de ambos está destinada tanto ao mercado interno quanto à exportação, principalmente para o Mercosul. O setor é caracterizado pela produção de bens de consumo duráveis ou bens de investimento, fazendo uso de processos tecnologicamente avançados, mas não estratégicos para a obtenção de vantagens competitivas. O diferencial está muito menos na produção em escala e mais nas inúmeras isenções tributárias que o governo brasileiro ofereceu quando da sua instalação no país nas décadas de 50 e 60, além da disponibilidade de mão-de-obra num custo mais baixo que nos mercados dos países avançados (quando se tem homogeneidade no processo produtivo, custo de mão-de-obra e subsídios podem definir a viabilidade ou não de dada produção).

Com uma produção complementar, e até certo ponto simbiótica à dos setores de equipamentos de transporte e da indústria automobilística, temos o setor de autopeças, participando, em média, com 5,44% do faturamento da matriz. Este setor caracteriza-se pela produção de bens intermediários, principalmente, acompanhando os setores de automobilística e equipamentos de transporte, para a produção local e para o Mercosul.

Os setores intensivos em tecnologia, telecomunicações e a indústria química, que dependem de inovações constantes, ainda participam pouco do faturamento total de sua matriz estrangeira. Esse fato mostra que, apesar da tendência mundial da

internacionalização produtiva na década de 90 estar se dando de forma a aumentar a eficiência produtiva, os investimentos feitos no Brasil ainda estão centrados na abundância de recursos naturais, na mão-de-obra barata e/ou na existência de um mercado consumidor significativo, não tendo muito a acrescentar à competitividade do país no que diz respeito aos setores dinâmicos da indústria internacional.

Classificação segundo o país de origem

A participação média dos investimentos feitos no Brasil, classificada por país de origem, é um reflexo muito claro dos setores nos quais a indústria de cada um desses países está inserida. (Tabela 4) O dinamismo e a participação dos investimentos feitos aqui dependem muito das características das indústrias de cada país – qual a tecnologia em que estão baseados e qual o destino de sua produção (final, bens de consumo, exportação etc.).

A Itália aparece como país no qual o Brasil tem maior participação relativa no faturamento de suas ET's. Isso se deve principalmente ao fato de que os investimentos italianos feitos no Brasil foram nos setores de autopeças e da indústria automobilística, setores nos quais as filiais brasileiras possuem uma grande participação no faturamento da matriz. Semelhantes aos investimentos feitos pelas indústrias suecas no Brasil – a participação de 8,42% das subsidiárias brasileiras no faturamento de sua matriz deve-se ao fato do investimento ter se dado com empresas nos setores de equipamentos de transporte. Como foi citado anteriormente, os subsídios e isenções tributárias oferecidos pelo governo brasileiro foram os grandes responsáveis pelo deslocamento dessas empresas para o Brasil, além da existência (e potencialidade) de um mercado consumidor.

TABELA 3 - Média de Participação da Indústria Brasileira, por País de origem (1998)

País de Origem	Amostra (*)	Média	Desvio Padrão
Itália	4	12,66%	1,98%
Suécia	4	8,42%	7,01%
Nações Unidas	5	6,09%	8,49%
Luxemburgo	2	5,87%	1,16%
Estados Unidos	35	5,53%	6,81%
Suíça	4	4,32%	2,79%
Alemanha	12	4,10%	3,18%
Japão	11	2,47%	1,56%
França	6	2,34%	6,81%
Holanda	3	2,34%	1,39%

Fonte: Elaboração a partir de dados das publicações das revistas Fortune 500, Exame - Maiores e Melhores, Gazeta Mercantil e Conjuntura Econômica (1998).

(*) Número de empresas consideradas na análise

A presença britânica está centrada basicamente no setor de fumo e no setor de higiene e limpeza. O segundo, visando as amplas possibilidades de obtenção de lucro devido ao tamanho do mercado brasileiro e o primeiro, a abundância dos recursos produtivos (matéria-prima. Esses resultados mostram a tendência de realização de investimentos internacionais chamadas por Dunning de *resource-seeking* e de *market-seeking*, características do período posterior à Segunda Guerra.

A participação das ET's americanas é bastante significativa no mercado nacional, mostrando-se bastante diversificadas, não tendo um setor específico de atuação. A importância do Brasil gira em torno dos 5,5%, tendo que ser levado em conta que a amostra de empresas é bem maior do que a de qualquer outro país listado acima, sendo portanto, um resultado muito mais representativo.

Um fato que deve ser considerado com relação as subsidiárias americanas é que estas vêm de um país com um mercado consumidor de grandes proporções. Provavelmente a sua internacionalização teria menos ligação com a busca de mercado

consumidor (por já se encontrar integrada a um dos maiores) e mais com outros tipos de vantagens que o Brasil possa lhes conferir – diferentemente de países como a Suécia, e até mesmo a Inglaterra (mercados consumidores menores e mais saturados). Isso não significa porém, que as empresas americanas não visem também um aumento de seu mercado potencial.

A participação do Brasil nos investimentos suíços e franceses também é bastante diversificada quando analisados os setores de atuação, mas as amostras não são, nem de longe, significativas como a americana. Essa diversificação, de certa forma, mostra uma certa tendência a internacionalização produtiva mais característica da década de 90, ou seja, em busca de ativos estratégicos e da eficiência produtiva. Isso mostra um contraponto ao que foi dito acima sobre os investimentos que estão centrados em um único setor (setores que possuem vantagens comparativas devido a abundância do recurso natural, por exemplo). De certa forma, isso indica uma melhor inserção do país no processo de globalização da dinâmica produtiva.

Os investimentos alemães, holandeses e japoneses são bastante centrados em um único setor – setores de tecnologia mais avançada. Isso, muito mais do que uma tendência à inserção brasileira no mercado mundial, se deve às características das grandes empresas presentes nesses países que estão centradas nesses setores de atuação. Os investimentos alemães estão basicamente nos setores de autopeças, equipamentos mecânicos, química e siderurgia. Os japoneses nos setores de informática e de equipamentos elétricos; e os holandeses, também no setor de eletrônicos.

Pode-se dizer também que o impulso internacionalizante das empresas desses três países é mais novo, pois estas foram empresas que cresceram depois da 2ª Guerra Mundial (contrariamente aos grandes conglomerados americanos), tornando-se mais fortes no final dos anos 50 e início dos anos 60

Resultados empíricos para o ano de 1990²

Acredita-se que o processo de abertura econômica e estabilização inflacionária ocorrido no Brasil no decorrer da década de 90 tenha alterado sensivelmente as perspectivas de investimento e consequentemente a entrada e saída de capitais externos no país. Assim, a fim de se caracterizar as diferenças resultantes dessas alterações ao longo da década, foram levantados dados para o ano de 1990, que caracterizariam a situação da indústria brasileira no período anterior a abertura. Tais dados serão usados para comparação com o panorama mais atual que foi levantado no capítulo anterior e para considerações sobre as possíveis alterações que tenham ocorrido desde então.

Classificação segundo os setores de atuação

O setor de Equipamentos de Transporte aparece aqui como o mais importante para as ET's. Isso estaria mostrando uma relação muito clara com o processo de atração e de instalação dessas empresas para o mercado brasileiro. Esse setor, bem como os setores de siderúrgica/mecânica, de automobilística e de autopeças, está ligado ao impulso dado pelo governo desenvolvimentista nas décadas de 50 e 60, tendo sido atraídos não só pelas proporções e perspectivas de crescimento do mercado interno como também, e principalmente, pelas diversas vantagens que o governo estava oferecendo para a instalação dessas empresas aqui.

A diferença significativa do tamanho da participação brasileira nas indústrias de equipamentos de transporte frente às automotivas e de autopeças poderia ser explicada pela situação deprimida do mercado consumidor no final da década de 80 e no

² As fontes de dados e os procedimentos são os mesmos que foram utilizados na obtenção dos dados para as análises do capítulo anterior, e contam nas tabelas A3 e A4 em anexo, estatístico.

início da de 90. Isso teria deprimido o mercado interno reduzindo as quantidades comercializadas e, com a situação de baixa competitividade dos produtos que eram produzidos por aqui, não se conseguia exportar grandes volumes.

TABELA 4 - Média de Participação, por Setor de Atuação (1990)

Setor	Média	Desvio Padrão
Eq. de Transporte	10,34%	17,63%
Siderúrgica/Mecânica	7,73%	6,27%
Papel e Celulose	7,45%	ND
Automobilística	4,94%	3,95%
Autopeças	4,83%	2,70%
Higiene/Limpeza	4,15%	1,01%
Alimentos	3,65%	2,31%
Química	3,12%	2,05%
Máquinas e Eq. Eletrônicos	2,91%	3,31%
Eletrônicos/Informática	2,69%	1,65%
Telecomunicações	2,52%	2,98%
Farmacêutica	2,26%	0,95%
Fumo	0,78%	ND

Fonte: Elaboração a partir de dados das publicações das revistas Fortune 500, Exame - Maiores e Melhores, Gazeta Mercantil e Conjuntura Econômica (1990).

ND - Não determinado

O impulso do governo nas décadas de 50 e 60 foi também para indústrias no ramo da química, resultando numa participação brasileira bastante relevante no montante produzido internacionalmente por essas indústrias. Ainda assim, a participação brasileira é pequena (em torno dos 3,0%), devido ao fato de que grande parte das indústrias química e petroquímica são de patrimônio nacional, notavelmente estatais, constituindo-se de monopólios que perduram até os dias atuais.

A indústria de papel e celulose poderia ser considerada como de grande importância para o parque produtivo brasileiro. No entanto, pouco se pode dizer a respeito, uma vez que só se tem dados referentes a *uma* das empresas multinacionais que se instalaram aqui, impedindo qualquer tipo de análise mais profunda. Isso também

acontece com as indústrias do setor de fumo. O país é abundante nos recursos naturais e tem grandes potencialidades produtivas tanto para a produção de papel e celulose quanto para a produção de fumo. No entanto, também para o segundo, a amostra de dados obtida não permite fazer uma análise da participação brasileira.

Com o mercado interno fechado, as indústrias de higiene e limpeza e de alimentos instalaram-se aqui visando muito mais o mercado interno do que qualquer outro tipo de vantagem competitiva para a exportação dessa produção. Sendo assim, uma participação em torno de 4% da indústria brasileira nesses setores frente à produção no restante do mundo é bastante relevante. Isso se deve exclusivamente ao fato de que o mercado interno brasileiro tem proporções bastante significativas até mesmo se comparado com os países centrais. Logicamente, o fato do país ser abundante em mão-de-obra e grande produtor de alimentos facilitou o desenvolvimento dessas indústrias.

Os setores como o de máquinas e equipamentos eletrônicos, de informática e farmacêutico mostravam-se bastante deficientes no país, resultando numa participação em torno dos 2,5%. O fato que deve ser levantado aqui é que as empresas desses setores dependem de tecnologias de ponta e de constantes inovações (de produtos e processos), implicando numa forte atividade de P&D. As ET's concentram suas atividades de desenvolvimento de novos produtos e de novas técnicas em seu país de origem, transferindo para suas subsidiárias somente tecnologias já consolidadas, respeitando o ciclo do produto de Vernon citado anteriormente. Sendo assim, o parque produtivo instalado em países como o Brasil visa exclusivamente o mercado interno, sendo esse, de proporções não tão significativas devido ao atraso da economia local.

As indústrias do setor de telecomunicações contaram, ao longo dessa segunda metade de século, com as vantagens de seu vínculo direto com o monopólio estatal das telecomunicações, praticando altos

níveis de lucro e garantindo uma grande participação no mercado interno. Pelas mesmas razões já citadas para os setores de informática e equipamentos eletrônicos, o mercado interno, frente ao resto do mundo, era ainda de proporções não muito relevantes, resultando numa participação pequena do faturamento das subsidiárias nacionais frente ao faturamento do resto do mundo. Isso não significa no entanto que os lucros que estas realizavam no Brasil fossem inteiramente irrelevantes para o lucro total da matriz. Estando estas montadas sobre uma estrutura de monopólio estatal do serviço, além do fato de estarem em situação de monopólio no fornecimento do serviço no mercado de tais equipamentos, os lucros que praticavam aqui eram razoavelmente superiores aos que poderiam praticar em seus países de origem ou mesmo em outras subsidiárias nos países mais avançados. Isso estaria garantindo a sua permanência no país.

A conclusão a que se pode chegar é de que o parque industrial brasileiro tem como característica a grande dependência no tamanho de seu mercado interno para a instalação das subsidiárias das ET's, além de estarem estas bastante atreladas aos incentivos que foram dados pelo governo brasileiro para a sua instalação no país nas décadas de 50 e 60. A estrutura produtiva que foi montada então perdurou pelo menos até o final da década de 80, caracterizando a inserção brasileira como marginal no processo produtivo internacional: só se produzia aqui o que o mercado interno poderia consumir ou o que se tornou vantajoso produzir devido aos incentivos do governo ou às altas taxas que impediam a importação.

Classificação segundo países de origem

A origem do capital produtivo investido no Brasil, como dito anteriormente, tem uma relação muito estreita com as características das grandes empresas transnacionais de cada país analisado, e também com o processo de instalação destas no Brasil. Mais uma vez, incentivos do governo para determinada indústria refletiu numa maior importância das filiais brasileiras.

Países como a Itália e a Suécia aparecem com uma participação bastante significativa no final da década de 80. Os dados mostram que as ET's que vieram desses países são a indústria automobilística, de equipamentos de transporte e autopeças (como a Mercedes-Benz , a Fiat e a Scania). Essas indústrias já mostram grande importância para o mercado brasileiro desde a década de 60, quando se instalaram aqui. A sua importância para a matriz vem do fato de que o mercado brasileiro, no decorrer dos anos, assumiu proporções significativas frente ao mercado mundial.

TABELA 5 - Média de Participação da Indústria Brasileira, por País de origem (1990)

País de Origem	Amostra (*)	Média	Desvio Padrão
Luxemburgo	2	16,19%	ND
Suécia	3	5,52%	2,38%
Itália	4	5,36%	4,00%
França	3	4,59%	3,28%
Alemanha	11	3,73%	3,13%
Estados Unidos	26	3,69%	2,43%
Suiça	4	3,40%	2,55%
Holanda	2	3,26%	2,92%
Japão	5	1,99%	0,86%
Nações Unidas	2	1,67%	1,89%

Fonte: Elaboração a partir de dados das publicações das revistas Fortune 500, Exame - Maiores e Melhores, Gazeta Mercantil e Conjuntura Econômica (1998).

ND - Não determinado

(*) Número de empresas consideradas na análise

Mesmo com a abertura econômica e consequente entrada de outras grandes empresas dos setores citados acima, como se pode observar com a análise dos dados do final da década de 90, esses setores produtivos ainda se mostram bastante vantajosos. Isso estaria sendo garantido pelas proporções do mercado brasileiro e pelo baixo custo da mão-de-obra no país. Ou seja, a participação das filiais brasileiras no faturamento da matriz já era significativa mesmo antes da abertura e, apesar desta, parece estar permanecendo alta.

As ET's de origem francesa também estão relacionadas com os setores de autopeças e de equipamentos de transporte, mostrando que os incentivos do governo brasileiro para a entrada desse tipo de indústria foi bastante forte, definindo a estrutura industrial do país. Outro setor no qual o Brasil aparece como relevante para as grandes empresas francesas é o setor de não-metálicos, logicamente pela abundância de recursos disponíveis no país.

A Alemanha tem sua participação no mercado brasileiro centrada nos setores relacionados com a segunda Revolução Industrial, característicos de sua indústria no pós-guerra. São eles: siderúrgicos e mecânicos, de equipamentos mecânicos e de transporte, as indústrias automobilística e de autopeças. Além disso, o setor das indústrias química e de telecomunicações aparecem como relevantes dentro do contexto analisado.

A indústria química alemã tem como representantes no Brasil, entre outras, três grandes potências mundiais (BASF, Hoechst e Bayer), contando com uma participação brasileira em torno de 1,5% do seu faturamento total. O setor de telecomunicações conta com uma única indústria representante (Siemens), que esteve por muitos anos atrelada ao monopólio estatal do setor, garantindo a sua lucratividade no país e altas taxas de lucro quando comparadas com as taxas obtidas no restante do mundo.

A presença americana não se dá apenas em alguns setores produtivos mas sim de forma bastante diversificada na totalidade do mercado: indústria de eletro-eletrônicos, farmacêutica, química, de higiene e limpeza, equipamentos de transporte e autopeças. A importância brasileira gira em torno dos 4%, mostrando uma pequena diferença com relação ao final da década de 90.

O que deve ser levado em conta aqui é a predominância americana durante os anos que sucederam a segunda Guerra Mundial – com o seu parque industrial bem pouco destruído e com abundância de recursos financeiros, foi capaz de se lançar no mercado externo, buscando outros mercados consumidores, com mais facilidade do que países que haviam sido destruídos ou bastante comprometidos pela guerra. Dois aspectos devem ser levados em conta para a análise da presença americana: primeiro o seu pioneirismo no mundo, garantindo participações importantes em muitos países; o segundo aspecto é decorrente do primeiro – as megacorporações americanas, com presença no mundo todo, têm seu faturamento muito grande e bastante pulverizado no mundo, não conferindo a nenhum deles uma participação muito grande no seu faturamento total. Assim, podemos dizer que os 4% de participação brasileira é bastante significativo.

As grandes indústrias suíças e holandesas estão concentradas nos setores de tecnologia mais avançada. São indústrias mais novas e com produtos de maior valor agregado, não tendo tido grande relevância no Brasil até agora. São elas as indústrias de eletrônicos, de informática e farmacêutica. Existe ainda uma presença de indústrias nos setores de química e de alimentos, mais tradicionais e portanto mais características do parque industrial brasileiro. A participação do faturamento no Brasil nas indústrias desses países gira em torno dos 3,5%, sendo quase igual a média da participação brasileira no faturamento das ET's americanas, mostrando-se bastante relevantes para o mercado nacional.

As indústrias japonesas instaladas no Brasil aparecem como tendo uma participação em torno dos 2% do faturamento da matriz. Tendo em vista que estão centradas no setor de eletrônicos e de informática, e que produtos de consumo de massa como o micro-computador só começou a ser difundido no país no decorrer da década de 90, a participação brasileira pode ser considerada de “grandes proporções”. Essa participação foi garantida pelas vendas de eletro-domésticos e outros equipamentos eletrônicos mais simples.

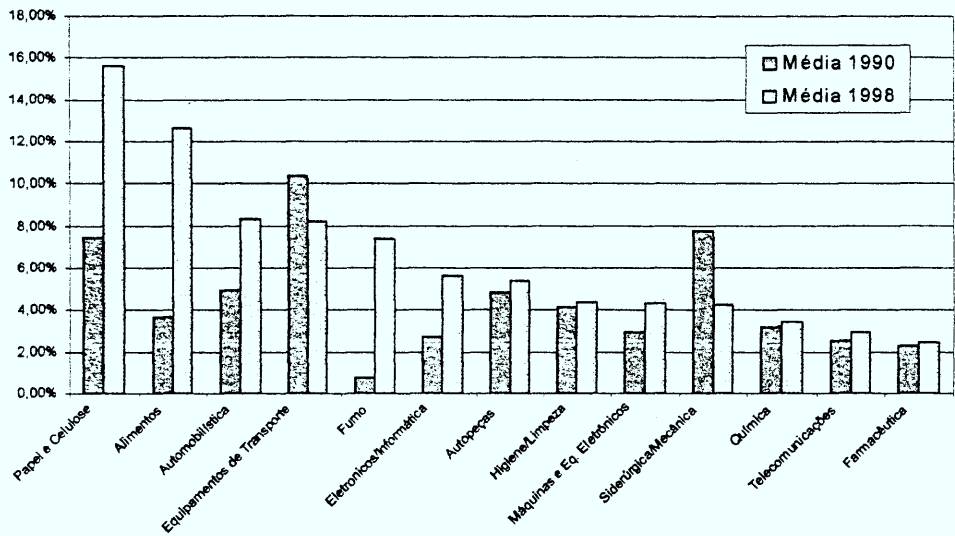
A presença britânica, que aparece com cerca de 6% no final da década, ficou bastante prejudicada nessa análise pela ausência de dados da indústria de fumo, grande responsável pela média anterior. Ainda assim, temos que levar em conta a sua participação nos setores de siderúrgica e mecânica e de higiene e limpeza. A indústria britânica sofreu um grande impacto com a consolidação da hegemonia americana na segunda metade do século, tendo tido muitos problemas para se internacionalizar depois disso. Grande parte do seu faturamento, portanto, permanece ainda nos próprios países das Nações Unidas.

Considerações Finais

A década considerada na análise mostrou grandes potenciais de desenvolvimento para as filiais brasileiras das ET's frente ao mercado internacional e à posição que ocupa no faturamento da matriz. O impulso para uma economia mais globalizada, a estabilização da inflação, o incentivo à entrada do capital externo, além das diversas condições internacionais que surgiram no decorrer do período, estariam, de alguma forma, “auxiliando” no processo de desenvolvimento da estrutura produtiva instalada no Brasil. Surgem oportunidades para novos investimentos; os mercados crescem; novos padrões de internacionalização produtiva redirecionam o processo de instalação de plantas produtivas; ampliam-se as possibilidades de comércio e consequentemente de concorrência.

Com relação aos países de origem das ET's, a mudança significativa foi que a Itália deixou de ser o país para o qual o faturamento brasileiro é mais relevante. Antes, o Brasil participava com 12,66% do faturamento das ET's italianas, ao passo que, agora, participa com 5,36%.

Participação Brasileira no Faturamento das Matrizes



Essa queda não significa que as empresas italianas estejam faturando menos aqui. Significa que podem estar faturando mais globalmente – com um aumento no faturamento das empresas matriz ou mesmo com uma criação de novas plantas produtivas em novos mercados.

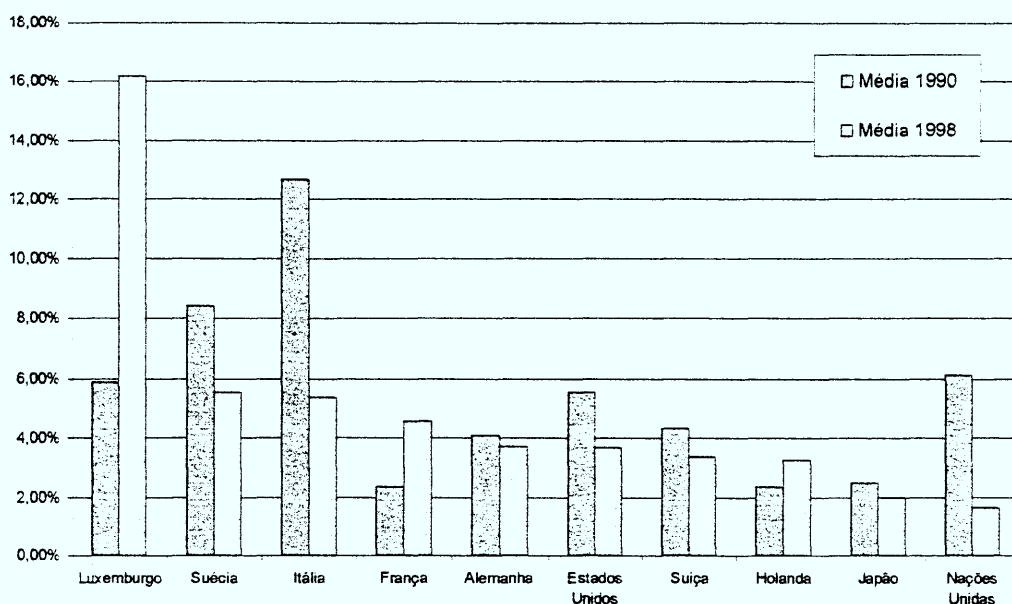
Uma característica muito marcante é de que nenhum país tem seu faturamento muito centrado no Brasil – todos giram em torno dos 4%, em média, mostrando uma atomização muito grande da produção das ET's. Esse fato estaria sendo condicionado pela globalização da economia, pela abertura econômica e queda das barreiras comerciais que vêm acontecendo no mundo. Não só os capitais financeiros têm hoje mais liberdade para circular no mundo como também as mercadorias. Países do leste europeu e do sudeste asiático apareceram como mercados potenciais e atraíram muitos investimentos.

✓ O parque industrial brasileiro, tomando como base as plantas produtivas das ET's instaladas aqui, sofreu alterações significativas se considerados os setores nos quais o Brasil tinha uma participação relevante no faturamento da matriz e os setores que têm, agora, uma participação brasileira relevante. Também se considerarmos os países de origem do capital investido aqui, algumas sensíveis modificações podem ser notadas no decorrer dessa década.

✓ O faturamento brasileiro do setor de Papel e Celulose dobrou em 1998 com relação ao ano de 1990. Isso significou um aumento de 8% na participação brasileira (de 7,45% para 15,62%). A indústria automobilística também teve um acréscimo na sua participação no faturamento da matriz equivalente a 100% (de 4,94% para 8,33%), bem como a indústria de autopeças (4,83% para 5,44%). Outro setor que teve um aumento bastante significativo na sua participação foi o setor alimentício (passando de 3,65% para 12,63%).

Pode-se dizer que o aumento nos setores de alimentos e da indústria automobilística deve-se ao fato de que o mercado interno

Participação Brasileira no Faturamento das Matrizes



para esses bens cresceu de forma bastante significativa no período, dando um impulso muito grande nas vendas desses setores. Outro fator a ser levantado aqui é que muitas novas ET's desses setores entraram no país durante esse período e, por falta de dados, não foram consideradas na análise. São os casos de gigantes como a Procter and Gamble, Renault, Mercedes-Benz, Toyota, entre outras. A produção nacional não está destinada somente ao mercado interno – muito do que é produzido aqui hoje destina-se ao consumo do Mercosul, incrementando ainda mais a participação brasileira no faturamento total.

O setor de autopeças teve um aumento bem menos relevante que os outros setores mencionados. Um fato que pode ser considerado aí é que apesar do crescimento do mercado de carros novos no país, a queda das barreiras comerciais facilitou a importação de muitas das peças que eram fabricadas no território nacional, prejudicando o crescimento do setor. Outro fator é que, com uma maior venda de carros novos, reduz-se consideravelmente as peças de

reposição, outro mercado característico desse setor da indústria.

Outros setores nos quais o Brasil teve sua participação incrementada nessa última década foram os de Eletrônicos e Informática, Máquinas e Equipamentos Eletrônicos. Grande parte desse acréscimo deveu-se ao aumento do mercado potencial, com a difusão dos produtos de eletrônica e informática (microcomputadores e acessórios), culminando com a instalação de diversas outras ET's no país (como a Motorola, Compac, Dell Computers, Lucent, entre outras). Os incentivos da *Lei da Informática* também são fatores importantes no desenvolvimento produtivo desses setores no país.

O setor de fumo teve um acréscimo participativo muito grande – o que deve ser levado em consideração aqui é que os dados desse setor são bastante escassos. Com uma amostra muito pequena, a magnitude do aumento não pôde ser avaliada.

Setores que apresentaram uma redução na participação brasileira no decorrer desse período foram os de Equipamentos de Transporte e de Siderúrgica e Mecânica. Pouco se pode dizer a respeito dessa queda (que ficou em torno dos 2,5% em ambos os setores), a não ser o fato de nenhum dos dois estarem entre os setores que obtiveram maior estímulo nesse processo de abertura da economia, ou de serem os setores mais dinâmicos da economia.

Apesar da crença no aumento do mercado potencial na década, o setor de Higiene e Limpeza permaneceu com a mesma participação das filiais brasileiras no faturamento das empresas matriz. Curioso notar que os outros setores que apresentaram esse comportamento foram os setores de Química, Telecomunicações e da Indústria Farmacêutica. Os três últimos caracterizam-se pela utilização de tecnologias mais avançadas e por estarem altamente alavancados aos avanços tecnológicos constantes e às atividades de P&D. Devido a essas características, a manutenção da participação brasileira ao longo da década não é de forma nenhuma intrigante, como no setor de Higiene e Limpeza, que é constituído por uma

estrutura produtiva que requer menos inovações e menos P&D, além de utilizar de uma tecnologia mais difundida.

Nos setores de Farmacêutica, Química e Telecomunicações, só são transferidos para as subsidiárias produtivas os processos que já são conhecidos internacionalmente e que só gerariam algum ganho para a empresa com a economia nos gastos com fatores produtivos: matéria-prima e mão-de-obra. Caso contrário, os produtos mais novos, com maior valor agregado, ficam em poder da empresa matriz.

A conclusão que se pode tirar desses dados é de que apesar das mudanças na classificação dos setores (os que ocupavam os primeiros lugares em 1990 e os que ocupam os primeiros lugares hoje), as características dos setores que passaram a ocupar o topo da lista não mudam muito – são setores intensivos em mão-de-obra, com tecnologia mais difundida e menos dinâmicos, ou seja, que não acrescentariam muito ao dinamismo do país na competição internacional. Nos setores mais dinâmicos (como é o caso das Telecomunicações), o Brasil mantém uma participação muito pequena no faturamento da matriz.

No que diz respeito à origem dos capitais, a conclusão a que se chega é de que o movimento de abertura das economias e, com isso, o surgimento de novos mercados potenciais tendem a reduzir a participação do faturamento feito em um único país, para um panorama menos concentrado.

Bibliografia

BIELSCHOWSKY, R. & STUMPO, G. A Internacionalização da Indústria Brasileira: Números e Reflexões Depois de alguns Anos de Abertura. In BAUMANN (org), O Brasil e a Economia Global, Rio de Janeiro: Ed. Campus-SOBEET, 1996.

COUTINHO, L. G., A Especialização Regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização, in Velloso, J.P. dos R. (coord.), RJ: José Olympio, 1997.

CURADO, M. Investimento Estrangeiro Direto e Industrialização no Brasil. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 1997.

DUNNING, J. Capital Movements in the Twentieth Century. In DUNNING, J. (ed.) International Investment, Penguin, Middlesex, 1972.

DUNNING, J. Re-evaluating the Benefits os Foreign Direct Investment. In Transnational Corporations, vol. 3, no. 1, fev., 1994.

ERBER, F. S. & CASSIOLATO, J.E., Política Industrial: teoria e prática no Brasi e na OCDE, Revista de Economia Política, vol. 17, n.2 (66), abril-junho de 1997.

FUCIDJI, J.R. Inserção do Capital Estrangeiro no Brasil: determinantes e características, com um estudo das estratégias empresariais e impactos na indústria de autoveículos (1990/1996), Tese de Mestrado, IE-Unicamp, 1998.

GONÇALVES, R. Empresas Transnacionais e Internacionalização da Produção, São Paulo, Vozes, 1991.

GONÇALVES, R., et al. A Nova Economia Internacional- Uma perspectiva brasileira, São Paulo, Editora Campus, 1998.

HIRATUKA, C., Estratégias Comerciais das Filiais Brasileiras de Empresas Transnacionais no Contexto de Abertura Econômica e Concorrência Global, Belém, Anais XXVII Congresso da Anpec, 1999.

LAPLANE, M. e SARTI, F. Novo Ciclo de Investimentos e Especialização Produtiva no Brasil. In Economia e Sociedade, vol. 8, Campinas, 1998.

MENDONÇA de BARROS, J. R. & GOLDENSTEIN, L., Avaliação do Processo de Reestruturação Industrial Brasileira, Revista de Economia Política, op. Cit..

MOREIRA, M.M. & CORREA, P.G., Abertura Comercial e Indústria: o que se pode esperar e o que se vem obtendo, texto para discussão n. 49, BNDES, RJ, 1996.

MOREIRA, M.M., Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior, Texto para discussão no. 67, BNDES, RJ, 1999.

POSSAS, M.L. Empresas Multinacionais e Industrialização no Brasil: Notas Introdutórias. In BELLUZZO, L.G.M. e COUTINHO, R. (org) Desenvolvimento Capitalista no Brasil, vol. 2, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

UNCTAD, World Investment Report, 1998.

UNCTAD, Trade and Development Report, 1999.

VERNON, R. International Investment and International Trade in the Product Cycle. In Quarterly Journal of Economics, vol.80, pp. 190-207.

Anexos

Tabela A1 - Lista das Empresas Multinacionais com Atividade no Brasil, Classificadas segundo Setor de Atuação. (1998)

Tabela A2 - Lista de Empresas Multinacionais com Atividade no Brasil, Classificadas segundo País de Origem do Capital. (1998)

Tabela A3 - Lista das Empresas Multinacionais com Atividade no Brasil, Classificadas segundo Setor de Atuação. (1990)

Tabela A4 - Lista de Empresas Multinacionais com Atividade no Brasil, Classificadas segundo País de Origem do Capital. (1990)

TABELA A1

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
CARGILL AGRÍCOLA SA	1.880,50	CARGILL INC	ALIMENTOS	51.000,00	3,69%
COOPERCITRUS INDUSTRIAL FRUTESP SA	ND	DREYFUS & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
NESTLE INDL. E COML. LTDA	3.564,10	NESTLE SA	ALIMENTOS	48.254,00	7,39%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS FLEIS CHMANN E ROYAL LTDA	551,89	FLEISCHMAN/NABISCO	ALIMENTOS	1.860,00	29,67%
QUAKER BRASIL LTDA	491,00	QUAKER OATS	ALIMENTOS	5.015,70	9,79%
REFINADORA DE OLEOS BRASIL LTDA	ND	ANDRE & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
SANTISTA ALIMENTOS	1.716,50	BUNGE Y BORN	ALIMENTOS	ND	ND
COEMSA ANSALDO SA	84,02	ANSALDO SPA	ALIMENTOS	ND	ND
AUTOLATINA BRASIL S.A	8.243,73	VOLKSWAGEN AG	AUTOMOBILISTICA	68.328,00	12,06%
FIAT AUTOMOVEIS SA	7.411,20	FIAT SPA	AUTOMOBILISTICA	52.569,00	14,10%
FORD INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	4.442,90	FORD MOTOR CORP	AUTOMOBILISTICA	153.627,00	2,89%
GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	7.629,50	GENERAL MOTORS CORP	AUTOMOBILISTICA	178.174,00	4,28%
ALBARUS SA INDUSTRIA E COMERCIO	181,00	DANA ALBARUS	AUTOPEÇAS	8.300,00	2,18%
BRIDGESTONE FIRESTONE DO BRASIL	639,40	BRIDGESTONE CORP	AUTOPEÇAS	17.936,00	3,56%
CUMMINS BRASIL LTDA	228,40	CUMMINS ENGINE CO	AUTOPEÇAS	5.625,00	4,06%
GOODYEAR DO BRASIL LTDA.	1.031,70	GOODYEAR TIRE & RUBBER CO	AUTOPEÇAS	13.160,00	7,84%
PIRELLI PNEUS SA	892,00	PIRELLI PNEUS	AUTOPEÇAS	6.615,00	13,48%
PNEUMATICOS MICHELIN	ND	MICHELIN	AUTOPEÇAS	13.654,00	ND
ROBERT BOSCH LIMITADA	1.391,10	ROBERT BOSCH GMBH	AUTOPEÇAS	27.027,00	5,15%
44 ROCKWELL DO BRASIL SA	ND	ROCKWELL INTERNATIONAL COPR	AUTOPEÇAS	11.759,00	ND
TRW DO BRASIL SA	314,40	TRW INC	AUTOPEÇAS	10.831,00	2,90%
ZF DO BRASIL SA	254,40	ZF AG	AUTOPEÇAS	5.838,15	4,36%
ELECTROLUX LTDA	996,90	ELECTROLUX AB	ELETROELETR/INF	14.791,00	6,74%
FUJITSU DO BRASIL LTDA	ND	FUJITSU LTD	ELETROELETR/INF	40.613,00	ND
IBM BRASIL-INDUSTRIA MAQUINAS E SERVICOS LTDA	2.320,50	IBM CORP	ELETROELETR/INF	70.508,00	3,29%
PANASONIC DO BRASIL LTDA	205,88	MATSUSHITA ELETRIC CO	ELETROELETR/INF	64.281,00	0,32%
PHILIPS DA AMAZONIA SA INDUSTRIA ELETRONICA	607,08	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	3.981,00	15,25%
PHILIPS DO BRASIL LTDA	607,08	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	3.981,00	15,25%
SANYO DA AMAZONIA SA	346,70	SANYO ELETRICCORP	ELETROELETR/INF	15.679,00	2,21%
SEMP TOSHIBA AMAZONAS SA	466,00	TOSHIBA CORPORATION	ELETROELETR/INF	44.467,00	1,05%
SINGER DO BRASIL IND E COM LTDA	3,35	SINGER I BV	ELETROELETR/INF	233,50	1,43%
SONY DA AMAZONIA LTDA	ND	SONY CORPORATION	ELETROELETR/INF	55.033,00	ND
SPRINGER CARRIER SA	323,90	UNITED TECHNOLOGIES CORP	ELETROELETR/INF	24.713,00	1,31%
UNISYS ELETRONICA LTDA	583,10	UNISYS CORP	ELETROELETR/INF	ND	ND
XEROX DO BRASIL	1.760,00	XEROX	ELETROELETR/INF	18.166,00	9,69%
CATERPILLAR DO BRASIL SA	530,00	CATERPILLAR INC	EQUIP TRANSP	18.925,00	2,80%
EQUIPAMENTOS CLARK LTDA	ND	CLARK EQUIPAMENT CO	EQUIP TRANSP	ND	ND
FIAT ALLIS LATINOAMERICANA SA	ND	FIAT SPA	EQUIP TRANSP	52.569,00	ND
KOMATSU DO BRASIL SA	ND	KOMATSU MANUFACTURING	EQUIP TRANSP	8.994,00	ND
MERCEDES BENZ DO BRASIL S A	2.852,10	DAIMLER BENZ AG	EQUIP TRANSP	71.561,00	3,99%

TABELA A1

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	962,00	SAAB SCANIA AB	EQUIP TRANSP	5.202,00	18,49%
VOLVO DO BRASIL VEICULOS LTDA	533,50	VOLVO AB	EQUIP TRANSP	24.042,00	2,22%
ABBOTT LABORATORIOS DO BRASIL LTDA	170,70	ABBOTT LABORATORIES	FARMACEUTICA	11.883,00	1,44%
BRISTOL MYERS SQUIBB BRASIL SA	485,00	BRISTOL-MYERS SQUIBB CO	FARMACEUTICA	16.701,00	2,90%
GLAXO WELLCOME S/A	194,30	GLAXO HOLDINS	FARMACEUTICA	13.072,00	1,49%
MERCK SHARP & DOHME FARMACEUTICA E VETERINARIA LTDA	185,70	MERCK CORP	FARMACEUTICA	23.637,00	0,79%
PRODUTOS ROCHE QUIMICOS E FARMACEUTICOS S A	473,00	HOFFMANN-LA ROCHE & CO	FARMACEUTICA	12.937,00	3,66%
SCHERING PLOUGH S/A	299,80	SCHERING PLOUGH CO	FARMACEUTICA	6.778,00	4,42%
PHILLIP MORRIS MARKETING SA	477,51	PHILLIP MORRIS INC	FUMO	56.114,00	0,85%
SOUZA CRUZ SA	5.471,90	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	26.802,00	20,42%
SOUZA CRUZ TRADING SA	254,94	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	26.802,00	0,95%
COLGATE PALMOLIVE LTDA	298,60	COLGATE-PALMOLIVE CO	HIGIENE E LIMPEZA	9.057,00	3,30%
GILETE DO BRASIL LTDA	420,00	GILLETTE CO	HIGIENE E LIMPEZA	10.062,00	4,17%
INDUSTRIAS GESSY LEVER LTDA	3.563,40	UNILEVER	HIGIENE E LIMPEZA	48.761,00	7,31%
JOHNSON & JOHNSON INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	603,90	JOHNSON & JOHNSON	HIGIENE E LIMPEZA	22.629,00	2,67%
ASEA BROWN BOVERI LTDA	599,80	ASEA BROWN BOVERI & CIE	MAQ E EQUIP ELE.	31.265,00	1,92%
FURUKAWA SA PRODS ELETRICOS	286,78	FURUKAWA ELETRIC CORP	MAQ E EQUIP ELE.	6.514,00	4,40%
GENERAL ELECTRIC DO BRASIL SA	415,00	GENERAL ELECTRIC CO	MAQ E EQUIP ELE.	90.840,00	0,46%
PIRELLI CABOS SA	688,10	PIRELLI SPA	MAQ E EQUIP ELE.	6.615,00	10,40%
42 SCHLUMBERGER INDUSTRIAS LTDA.	ND	SCHLUMBERGER	MAQ E EQUIP ELE.	10.754,00	ND
TOSHIBA DO BRASIL S A	ND	TOSHIBA CORPORATION	MAQ E EQUIP ELE.	44.467,00	ND
ARMCO DO BRASIL S/A	210,60	ARMCO INC	MAQ E EQUIP MEC.	1.829,30	11,51%
ELEVADORES SCHINDLER DO BRASIL SA	ND	SCHINDLER HOLDING AG	MAQ E EQUIP MEC.	ND	ND
KRONES S.A.	ND	KRONES AG	MAQ E EQUIP MEC.	ND	ND
SULZER BRASIL S A	ND	SULZER AG	MAQ E EQUIP MEC.	ND	ND
VOITH SA MAQUINAS E EQUIPAMENTOS	172,30	VOITH GMBH	MAQ E EQUIP MEC.	2.138,73	8,06%
SAMARCO MINERACAO SA	268,30	BROKEN HILL PROPRIETARY CO	MINERACAO	16.464,00	1,63%
FETERCO MINERACAO	285,20	EXPLORATION UND BERGBAU	MINERACAO	ND	ND
HISPANOBRAS	ND	ENSIDESA	MINERACAO	ND	ND
ITABRASCO	ND	FINANZIARIA SIDERURGICA SPA FINSIDER	MINERACAO	ND	ND
NIBRASCO	274,70	NKK CORP	MINERACAO	15.758,00	1,74%
CELITE S A INDUSTRIA E COMERCIO	ND	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CIA VIDRARIA STA. MARINA	475,00	SAINT-GOBAIN	N-METALICOS	18.347,00	2,59%
CIMINAS SA	ND	HOLDERBANK FINANCIERE	N-METALICOS	7.762,00	ND
CISPER DA AMAZONIA S.A	194,80	OWENS ILLINOIS INC	N-METALICOS	ND	ND
INCEPA SA	175,30	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CELULOSE NIPO BRASILEIRA S A CENIBRA	289,30	JAPAN BRAZIL PAPER & PULP RD CO	PAPEL E CELULOSE	ND	ND
CHAMPION PAPEL E CELULOSE LTDA.	388,32	CHAMPION INTERNATIONAL CORP	PAPEL E CELULOSE	5.735,50	6,77%
IGARAS PAPEIS E EMBALAGENS SA	304,60	RIVERWOOD INTERNATIONAL CO	PAPEL E CELULOSE	1.000,00	30,46%
RIGESA CELULOSE PAPEL E EMBALAGENS LTDA	289,30	WESTVACO CORPORATION	PAPEL E CELULOSE	3.000,00	9,64%

TABELA A1

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
3M DO BRASIL LTDA	580,50	3M	QUIMICA	15.000,00	3,87%
AKZO NOBEL LTDA.	310,61	AKZO NV	QUIMICA	12.329,00	2,52%
BASF BRASILEIRA SA INDUSTRIAS QUIMICAS	1.366,90	BASF AG	QUIMICA	32.178,00	4,25%
BAYER S/A	672,80	BAYER AG	QUIMICA	31.731,00	2,12%
COPEBRAS S/A	251,50	ANGLO AMERICAN CORP	QUIMICA	6.050,00	4,16%
DOW PRODUTOS QUIMICOS LTDA.	464,00	DOW CHMICAL CO	QUIMICA	20.018,00	2,32%
DU PONT DO BRASIL S A	853,80	DU PONT DE NEMOURS	QUIMICA	41.304,00	2,07%
HOECHST DO BRASIL QUIMICA E FARMACEUTICA AS	603,80	HOECHST AG	QUIMICA	30.055,00	2,01%
KODAK BRASILEIRA COMERCIAL E INDUSTRIAL	645,30	EASTMAN KODAK CO	QUIMICA	14.713,00	4,39%
MONSANTO DO BRASIL	286,40	MONSANTO CO	QUIMICA	9.457,00	3,03%
MONSANTO DO BRASIL LTDA	286,40	MONSANTO CO	QUIMICA	9.457,00	3,03%
ORNIEX S A	ND	CRAGNOTTI & PARTNERS	QUIMICA	ND	ND
RHODIA S/A	640,30	RHONE-POULENC SA	QUIMICA	15.413,00	4,15%
SANDOZ S A	ND	SANDOZ AG	QUIMICA	ND	ND
SOLVAY DO BRASIL SA	490,00	SOLVAY SA	QUIMICA	8.693,00	5,64%
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S A	521,00	ALCAN ALUMINIUM	SIDERURGIA/MET	7.777,00	6,70%
ALCOA ALUMINIO S.A	1.320,20	ALUMINUM Co. OF AMERICA	SIDERURGIA/MET	13.482,00	9,79%
BELGO MINEIRA COMERCIAL EXPORTADORA SA	536,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	8.013,00	6,69%
BILLITON METAIS S/A	367,80	ROYAL-DUTCH SHELL	SIDERURGIA/MET	128.142,00	0,29%
CIA SID BELGO MINEIRA	404,33	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	8.013,00	5,05%
COMPANHIA METALURGICA BARBARA	162,06	SAINT-GOBAIN	SIDERURGIA/MET	18.347,00	0,88%
CROWN CORK EMBALAGENS SA	82,40	CROWN CORK & SEAL CORP	SIDERURGIA/MET	8.300,00	0,99%
DEGUSSA S/A	230,40	DEGUSSA AG	SIDERURGIA/MET	9.148,00	2,52%
MANNESMANN SA	497,10	MANNESMANN AG	SIDERURGIA/MET	22.554,00	2,20%
ALCATEL TELECOMUNICACOES S/A	558,30	ALCATEL ALSTHOM SA	TELECOMUNICAÇÕES	31.845,00	1,75%
EQUITEL SA	903,20	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	63.755,00	1,42%
ERICSSON TELECOMUNICAÇÕES SA	1.371,90	TELEFON ABLM ERICSSON	TELECOMUNICAÇÕES	21.970,00	6,24%
NEC DO BRASIL SA	1.603,30	NEC CORP	TELECOMUNICAÇÕES	39.927,00	4,02%
SIEMENS AS	659,50	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	63.755,00	1,03%

Fonte: Maiores e Melhores (Exame), Conjuntura Econômica, Balanço Anual da Gazeta Mercantil e sites das Empresas na Internet

Os valores apresentados estão em USD.

TABELA A2

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
COPEBRAS S/A	251,50	ANGLO AMERICAN CORP	QUIMICA	6.050,00	4,16%
AUTOLATINA BRASIL S.A	8.243,73	VOLKSWAGEN AG	AUTOMOBILISTICA	68.328,00	12,06%
ROBERT BOSCH LIMITADA	1.391,10	ROBERT BOSCH GMBH	AUTOPEÇAS	27.027,00	5,15%
ZF DO BRASIL SA	254,40	ZF AG	AUTOPEÇAS	5.838,15	4,36%
MERCEDES BENZ DO BRASIL S A	2.852,10	DAIMLER BENZ AG	EQUIP TRANSP	71.561,00	3,99%
KRONES S.A.	ND	KRONES AG	MAQ E EQUIP MECANICO	ND	ND
VOITH SA MAQUINAS E EQUIPAMENTOS	172,30	VOITH GMBH	MAQ E EQUIP MECANICO	2.138,73	8,06%
FETERCO MINERAÇÃO	285,20	EXPLORATION UND BERGBAU	MINERAÇÃO	ND	ND
BASF BRASILEIRA SA INDUSTRIAS QUIMICAS	1.366,90	BASF AG	QUIMICA	32.178,00	4,25%
BAYER S/A	672,80	BAYER AG	QUIMICA	31.731,00	2,12%
HOECHST DO BRASIL QUIMICA E FARMACEUTICA AS	603,80	HOECHST AG	QUIMICA	30.055,00	2,01%
DEGUSSA S/A	230,40	DEGUSSA AG	SIDERURGIA/MET	9.148,00	2,52%
MANNESMANN SA	497,10	MANNESMANN AG	SIDERURGIA/MET	22.554,00	2,20%
EQUITEL SA	903,20	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	63.755,00	1,42%
SIEMENS AS	659,50	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	63.755,00	1,03%
SANTISTA ALIMENTOS	1.716,50	BUNGE Y BORN	ALIMENTOS	ND	ND
SAMARCO MINERACAO SA	268,30	BROKEN HILL PROPRIETARY CO	MINERAÇÃO	16.464,00	1,63%
SOLVAY DO BRASIL SA	490,00	SOLVAY SA	QUIMICA	8.693,00	5,64%
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S A	521,00	ALCAN ALUMINIUM	SIDERURGIA/MET	7.777,00	6,70%
47 HISPANOBRAS	ND	ENSIDESA	MINERAÇÃO	ND	ND
CARGILL AGRÍCOLA SA	1.880,50	CARGILL INC	ALIMENTOS	51.000,00	3,69%
PRODUTOS ALIMENTICIOS FLEIS CHMANN E ROYAL LTDA	551,89	FLEISCHMAN/NABISCO	ALIMENTOS	1.860,00	29,67%
QUAKER BRASIL LTDA	491,00	QUAKER OATS	ALIMENTOS	5.015,70	9,79%
FORD INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	4.442,90	FORD MOTOR CORP	AUTOMOBILISTICA	153.627,00	2,89%
GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	7.629,50	GENERAL MOTORS CORP	AUTOMOBILISTICA	178.174,00	4,28%
ALBARUS SA INDUSTRIA E COMERCIO	181,00	DANA ALBARUS	AUTOPEÇAS	8.300,00	2,18%
CUMMINS BRASIL LTDA	228,40	CUMMINS ENGINE CO	AUTOPEÇAS	5.625,00	4,06%
GOODYEAR DO BRASIL LTDA.	1.031,70	GOODYEAR TIRE & RUBBER CO	AUTOPEÇAS	13.160,00	7,84%
ROCKWELL DO BRASIL SA	ND	ROCKWELL INTERNATIONAL COPR	AUTOPEÇAS	11.759,00	ND
TRW DO BRASIL SA	314,40	TRW INC	AUTOPEÇAS	10.831,00	2,90%
IBM BRASIL-INDUSTRIA MAQUINAS E SERVICOS LTDA	2.320,50	IBM CORP	ELETROELETR/INF	70.508,00	3,29%
SINGER DO BRASIL IND E COM LTDA	3,35	SINGER I BV	ELETROELETR/INF	233,50	1,43%
SPRINGER CARRIER SA	323,90	UNITED TECHNOLOGIES CORP	ELETROELETR/INF	24.713,00	1,31%
UNISYS ELETRONICA LTDA	583,10	UNISYS CORP	ELETROELETR/INF	ND	ND
XEROX DO BRASIL	1.760,00	XEROX	ELETROELETR/INF	18.166,00	9,69%
CATERPILLAR DO BRASIL SA	530,00	CATERPILLAR INC	EQUIP TRANSP	18.925,00	2,80%
EQUIPAMENTOS CLARK LTDA	ND	CLARK EQUIPMENT CO	EQUIP TRANSP	ND	ND
ABBOTT LABORATORIOS DO BRASIL LTDA	170,70	ABBOTT LABORATORIES	FARMACEUTICA	11.883,00	1,44%
BRISTOL MYERS SQUIBB BRASIL SA	485,00	BRISTOL-MYERS SQUIBB CO	FARMACEUTICA	16.701,00	2,90%
MERCK SHARP & DOHME FARMACEUTICA E VETERINARIA LTDA	185,70	MERCK CORP	FARMACEUTICA	23.637,00	0,79%

TABELA A2

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
SCHERING PLOUGH S/A	299,80	SCHERING PLOUGH CO	FARMACEUTICA	6.778,00	4,42%
PHILLIP MORRIS MARKETING SA	477,51	PHILLIP MORRIS INC	FUMO	56.114,00	0,85%
COLGATE PALMOLIVE LTDA	298,60	COLGATE-PALMOLIVE CO	HIGIENE E LIMPEZA	9.057,00	3,30%
GILETE DO BRASIL LTDA	420,00	GILLETTE CO	HIGIENE E LIMPEZA	10.062,00	4,17%
JOHNSON & JOHNSON INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	603,90	JOHNSON & JOHNSON	HIGIENE E LIMPEZA	22.629,00	2,67%
GENERAL ELECTRIC DO BRASIL SA	415,00	GENERAL ELECTRIC CO	MAQ E EQUIP ELETRICO	90.840,00	0,46%
ARMCO DO BRASIL S/A	210,60	ARMCO INC	MAQ E EQUIP MECANICO	1.829,30	11,51%
CISPER DA AMAZONIA S.A	194,80	OWENS ILLINOIS INC	N-METALICOS	ND	ND
CHAMPION PAPEL E CELULOSE LTDA.	388,32	CHAMPION INTERNATIONAL CORP	PAPEL E CELULOSE	5.735,50	6,77%
IGARAS PAPEIS E EMBALAGENS SA	304,60	RIVERWOOD INTERNATIONAL CO	PAPEL E CELULOSE	1.000,00	30,46%
RIGESA CELULOSE PAPEL E EMBALAGENS LTDA	289,30	WESTVACO CORPORATION	PAPEL E CELULOSE	3.000,00	9,64%
3M DO BRASIL LTDA	580,50	3M	QUIMICA	15.000,00	3,87%
DOW PRODUTOS QUIMICOS LTDA.	464,00	DOW CHMICAL CO	QUIMICA	20.018,00	2,32%
DU PONT DO BRASIL S A	853,80	DU PONT DE NEMOURS	QUIMICA	41.304,00	2,07%
KODAK BRASILEIRA COMERCIAL E INDUSTRIAL	645,30	EASTMAN KODAK CO	QUIMICA	14.713,00	4,39%
MONSANTO DO BRASIL	286,40	MONSANTO CO	QUIMICA	9.457,00	3,03%
MONSANTO DO BRASIL LTDA	286,40	MONSANTO CO	QUIMICA	9.457,00	3,03%
ALCOA ALUMINIO S.A	1.320,20	ALUMINUM Co. OF AMERICA	SIDERURGIA/MET	13.482,00	9,79%
CROWN CORK EMBALAGENS SA	82,40	CROWN CORK & SEAL CORP	SIDERURGIA/MET	ND	ND
COOPERCITRUS INDUSTRIAL FRUTESP SA	ND	DREYFUS & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
PNEUMATICOS MICHELIN	ND	MICHELIN	AUTOPEÇAS	13.654,00	ND
SCHLUMBERGER INDUSTRIAS LTDA.	ND	SCHLUMBERGER	MAQ E EQUIP ELETRICO	10.754,00	ND
CIA VIDRARIA STA. MARINA	475,00	SAINT-GOBAIN	N-METALICOS	18.347,00	2,59%
RHODIA S/A	640,30	RHONE-POULENC SA	QUIMICA	15.413,00	4,15%
COMPANHIA METALURGICA BARBARA	162,06	SAINT-GOBAIN	SIDERURGIA/MET	18.347,00	0,88%
ALCATEL TELECOMUNICACOES S/A	558,30	ALCATEL ALSTHOM SA	TELECOMUNICAÇÕES	31.845,00	1,75%
PHILIPS DA AMAZONIA SA INDUSTRIA ELETRONICA	607,08	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	3.981,00	15,25%
PHILIPS DO BRASIL LTDA	607,08	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	3.981,00	15,25%
AKZO NOBEL LTDA.	310,61	AKZO NV	QUIMICA	12.329,00	2,52%
COEMSA ANSALDO SA	84,02	ANSALDO SPA	ALIMENTOS	ND	ND
FIAT AUTOMOVEIS SA	7.411,20	FIAT SPA	AUTOMOBILISTICA	52.569,00	14,10%
PIRELLI PNEUS SA	892,00	PIRELLI PNEUS	AUTOPEÇAS	6.615,00	13,48%
FIAT ALLIS LATINOAMERICANA SA	ND	FIAT SPA	EQUIP TRANSP	52.569,00	ND
PIRELLI CABOS SA	688,10	PIRELLI SPA	MAQ E EQUIP ELETRICO	6.615,00	10,40%
ITABRASCO	ND	FINANZIARIA SIDERURGICA SPA FINSIDER	MINERAÇÃO	ND	ND
ORNIEX S A	ND	CRAGNOTTI & PARTNERS	QUIMICA	ND	ND
BRIDGESTONE FIRESTONE DO BRASIL	639,40	BRIDGESTONE CORP	AUTOPEÇAS	17.936,00	3,56%
FUJITSU DO BRASIL LTDA	ND	FUJITSU LTD	ELETROELETR/INF	40.613,00	ND
PANASONIC DO BRASIL LTDA	205,88	MATSUSHITA ELETRIC CO	ELETROELETR/INF	64.281,00	0,32%
SANYO DA AMAZONIA SA	346,70	SANYO ELETRICCORP	ELETROELETR/INF	15.679,00	2,21%

TABELA A2

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
SEMP TOSHIBA AMAZONAS SA	466,00	TOSHIBA CORPORATION	ELETROELETR/INF	44.467,00	1,05%
SONY DA AMAZONIA LTDA	ND	SONY CORPORATION	ELETROELETR/INF	56.033,00	ND
KOMATSU DO BRASIL SA	ND	KOMATSU MANUFACTURING	EQUIP TRANSP	8.994,00	ND
FURUKAWA SA PRODS ELETRICOS	286,78	FURUKAWA ELETRIC CORP	MAQ E EQUIP ELETRICO	6.514,00	4,40%
TOSHIBA DO BRASIL S A	ND	TOSHIBA CORPORATION	MAQ E EQUIP ELETRICO	44.467,00	ND
NIBRASCO	274,70	NKK CORP	MINERAÇÃO	15.758,00	1,74%
CELULOSE NIPO BRASILEIRA S A CENIBRA	289,30	JAPAN BRAZIL PAPER & PULP RD CO	PAPEL E CELULOSE	ND	ND
NEC DO BRASIL SA	1.603,30	NEC CORP	TELECOMUNICAÇÕES	39.927,00	4,02%
BELGO MINEIRA COMERCIAL EXPORTADORA SA	536,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	8.013,00	6,69%
CIA SID BELGO MINEIRA	404,33	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	8.013,00	5,05%
ELECTROLUX LTDA	996,90	ELECTROLUX AB	ELETROELETR/INF	14.791,00	6,74%
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	962,00	SAAB SCANIA AB	EQUIP TRANSP	5.202,00	18,49%
VOLVO DO BRASIL VEICULOS LTDA	533,50	VOLVO AB	EQUIP TRANSP	24.042,00	2,22%
ERICSSON TELECOMUNICAÇÕES SA	1.371,90	TELEFON ABLM ERICSSON	TELECOMUNICAÇÕES	21.970,00	6,24%
NESTLE INDL. E COML. LTDA	3.564,10	NESTLE SA	ALIMENTOS	48.254,00	7,39%
REFINADORA DE OLEOS BRASIL LTDA	ND	ANDRE & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
PRODUTOS ROCHE QUIMICOS E FARMACEUTICOS S A	473,00	HOFFMANN-LA ROCHE & CO	FARMACEUTICA	12.937,00	3,66%
ASEA BROWN BOVERI LTDA	599,80	ASEA BROWN BOVERI & CIE	MAQ E EQUIP ELETRICO	31.265,00	1,92%
ELEVADORES SCHINDLER DO BRASIL SA	ND	SCHINDLER HOLDING AG	MAQ E EQUIP MECANICO	ND	ND
SULZER BRASIL S A	ND	SULZER AG	MAQ E EQUIP MECANICO	ND	ND
CELITE S A INDUSTRIA E COMERCIO	ND	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CIMINAS SA	ND	HOLDERBANK FINANCIERE	N-METALICOS	7.762,00	ND
INCEPA SA	175,30	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
SANDOZ S A	ND	SANDOZ AG	QUIMICA	ND	ND
GLAXO WELLCOME S/A	194,30	GLAXO HOLDINS	FARMACEUTICA	13.072,00	1,49%
SOUZA CRUZ SA	5.471,90	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	26.802,00	20,42%
SOUZA CRUZ TRADING SA	254,94	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	26.802,00	0,95%
INDUSTRIAS GESSY LEVER LTDA	3.563,40	UNILEVER	HIGIENE E LIMPEZA	48.761,00	7,31%
BILLITON METAIS S/A	367,80	ROYAL-DUTCH SHELL	SIDERURGIA/MET	128.142,00	0,29%

Fonte: Maiores e Melhores (Exame), Conjuntura Econômica, Balanço Anual da Gazeta Mercantil e sites das Empresas na Internet

Os valores apresentados estão em USD.

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
CARGILL AGRÍCOLA SA	492,57	CARGILL INC	ALIMENTOS	ND	ND
COEMSA ANSALDO SA	ND	ANSALDO SPA	ALIMENTOS	ND	ND
COOPERCITRUS INDUSTRIAL FRUTESP SA	ND	DREYFUS & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
NESTLE INDL. E COML. LTDA	1.804,54	NESTLE SA	ALIMENTOS	29.364,80	6,15%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS FLEIS CHMANN E ROYAL LTDA	239,79	FLEISCHMAN/NABISCO	ALIMENTOS	15.224,00	1,58%
QUAKER BRASIL LTDA	184,29	QUAKER OATS	ALIMENTOS	5.724,30	3,22%
REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL LTDA	ND	ANDRE & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
SANTISTA ALIMENTOS	ND	BUNGE Y BORN	ALIMENTOS	ND	ND
AUTOLATINA BRASIL S.A	3.740,16	VOLKSWAGEN AG	AUTOMOBILISTICA	34.746,40	10,76%
FIAT AUTOMOVEIS SA	1.473,94	FIAT SPA	AUTOMOBILISTICA	36.740,80	4,01%
FORD INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	2.295,52	FORD MOTOR CORP	AUTOMOBILISTICA	96.932,60	2,37%
GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	3.326,80	GENERAL MOTORS CORP	AUTOMOBILISTICA	126.974,00	2,62%
ALBARUS SA INDUSTRIA E COMERCIO	143,36	DANA ALBARUS	AUTOPEÇAS	5.156,70	2,78%
BRIDGESTONE FIRESTONE DO BRASIL	400,00	BRIDGESTONE CORP	AUTOPEÇAS	12.379,10	3,23%
CUMMINS BRASIL LTDA	152,30	CUMMINS ENGINE CO	AUTOPEÇAS	3.510,80	4,34%
GOODYEAR DO BRASIL LTDA.	800,00	GOODYEAR TIRE & RUBBER CO	AUTOPEÇAS	11.044,70	7,24%
PIRELLI PNEUS SA	694,04	PIRELLI PNEUS	AUTOPEÇAS	7.451,50	9,31%
PNEUMATICOS MICHELIN	197,36	MICHELIN	AUTOPEÇAS	8.668,70	2,28%
ROBERT BOSCH LIMITADA	381,14	ROBERT BOSCH GMBH	AUTOPEÇAS	16.253,00	2,35%
ROCKWELL DO BRASIL SA	ND	ROCKWELL INTERNATIONAL COPR	AUTOPEÇAS	12.633,10	ND
TRW DO BRASIL SA	278,43	TRW INC	AUTOPEÇAS	7.408,00	3,76%
ZF DO BRASIL SA	266,82	ZF AG	AUTOPEÇAS	3.254,40	8,20%
ELECTROLUX LTDA	ND	ELECTROLUX AB	ELETROELETR/INF	13.299,80	ND
FUJITSU DO BRASIL LTDA	ND	FUJITSU LTD	ELETROELETR/INF	18.734,10	ND
IBM BRASIL-INDUSTRIA MAQUINAS E SERVICOS LTDA	1.380,17	IBM CORP	ELETROELETR/INF	63.438,00	2,18%
PANASONIC DO BRASIL LTDA	ND	MATSUSHITA ELETRIC CO	ELETROELETR/INF	43.086,00	ND
PHILIPS DA AMAZONIA SA INDUSTRIA ELETRONICA	324,46	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	26.992,50	1,20%
PHILIPS DO BRASIL LTDA	1.437,88	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	26.992,50	5,33%
SANYO DA AMAZONIA SA	ND	SANYO ELETRICCORP	ELETROELETR/INF	10.486,90	ND
SEMP TOSHIBA AMAZONAS SA	293,61	TOSHIBA CORPORATION	ELETROELETR/INF	29.469,30	1,00%
SINGER DO BRASIL IND E COM LTDA	169,69	SINGER I BV	ELETROELETR/INF	ND	ND
SONY DA AMAZONIA LTDA	ND	SONY CORPORATION	ELETROELETR/INF	16.680,20	ND
SPRINGER CARRIER SA	289,37	UNITED TECHNOLOGIES CORP	ELETROELETR/INF	19.765,50	1,46%
UNISYS ELETRONICA LTDA	399,04	UNISYS CORP	ELETROELETR/INF	10.096,90	3,95%
XEROX DO BRASIL	652,96	XEROX	ELETROELETR/INF	17.635,00	3,70%
CATERPILLAR DO BRASIL SA	679,08	CATERPILLAR INC	EQUIP TRANSP	11.126,00	6,10%
EQUIPAMENTOS CLARK LTDA	ND	CLARK EQUIPAMENT CO	EQUIP TRANSP	ND	ND
FIAT ALLIS LATINOAMERICANA SA	135,66	FIAT SPA	EQUIP TRANSP	36.740,80	0,37%
KOMATSU DO BRASIL SA	129,99	KOMATSU MANUFACTURING	EQUIP TRANSP	6.349,10	2,05%
MERCEDES BENZ DO BRASIL S A	1.718,62	DAIMLER BENZ AG	EQUIP TRANSP	40.616,00	4,23%
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	493,06	SAAB SCANIA AB	EQUIP TRANSP	7.219,00	6,83%
VOLVO DO BRASIL VEICULOS LTDA	406,93	VOLVO AB	EQUIP TRANSP	14.637,70	2,78%
ABBOTT LABORATORIOS DO BRASIL LTDA	ND	ABBOTT LABORATORIES	FARMACEUTICA	5.453,50	ND

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
BRISTOL MYERS SQUIBB BRASIL SA	ND	BRISTOL-MYERS SQUIBB CO	FARMACEUTICA	9.422,00	ND
GLAXO WELLCOME S/A	ND	GLAXO HOLDINS	FARMACEUTICA	4.408,30	ND
MERCK SHARP & DOHME FARMACEUTICA E VETERINARIA LTDA	106,71	MERCK CORP	FARMACEUTICA	6.698,40	1,59%
PRODUTOS ROCHE QUIMICOS E FARMACEUTICOS S A	187,00	HOFFMANN-LA ROCHE & CO	FARMACEUTICA	6.369,80	2,94%
SCHERING PLOUGH S/A	ND	SCHERING PLOUGH CO	FARMACEUTICA	3.243,00	ND
PHILLIP MORRIS MARKETING SA	303,33	PHILLIP MORRIS INC	FUMO	39.069,00	0,78%
SOUZA CRUZ SA	2.981,56	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	ND	ND
SOUZA CRUZ TRADING SA	158,39	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	ND	ND
COLGATE PALMOLIVE LTDA	268,60	COLGATE-PALMOLIVE CO	HIGIENE E LIMPEZA	5.110,20	5,26%
GILETE DO BRASIL LTDA	180,81	GILLETTE CO	HIGIENE E LIMPEZA	3.849,60	4,70%
INDUSTRIAS GESSY LEVER LTDA	1.061,33	UNILEVER	HIGIENE E LIMPEZA	35.284,40	3,01%
JOHNSON & JOHNSON INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	360,12	JOHNSON & JOHNSON	HIGIENE E LIMPEZA	9.844,00	3,66%
ASEA BROWN BOVERI LTDA	234,75	ASEA BROWN BOVERI & CIE	MAQ E EQUIP ELE.	21.209,00	1,11%
FURUKAWA SA PRODS ELETRICOS	127,28	FURUKAWA ELETRIC CORP	MAQ E EQUIP ELE.	5.651,10	2,25%
GENERAL ELECTRIC DO BRASIL SA	285,22	GENERAL ELECTRIC CO	MAQ E EQUIP ELE.	55.264,00	0,52%
PIRELLI CABOS SA	577,92	PIRELLI SPA	MAQ E EQUIP ELE.	7.451,50	7,76%
SCHLUMBERGER INDUSTRIAS LTDA.	ND	SCHLUMBERGER	MAQ E EQUIP ELE.	4.843,70	ND
TOSHIBA DO BRASIL S A	ND	TOSHIBA CORPORATION	MAQ E EQUIP ELE.	29.469,30	ND
ARMCO DO BRASIL S/A	264,87	ARMCO INC	MAQ E EQUIP MEC.	2.494,40	10,62%
ELEVADORES SCHINDLER DO BRASIL SA	ND	SCHINDLER HOLDING AG	MAQ E EQUIP MEC.	4.843,70	ND
KRONES S.A.	ND	KRONES AG	MAQ E EQUIP MEC.	ND	ND
SULZER BRASIL S A	ND	SULZER AG	MAQ E EQUIP MEC.	4.088,00	ND
VOITH SA MAQUINAS E EQUIPAMENTOS	417,55	VOITH GMBH	MAQ E EQUIP MEC.	ND	ND
SAMARCO MINERACAO SA	196,61	BROKEN HILL PROPRIETARY CO	MINERACAO	9.127,20	2,15%
FETERCO MINERACAO	204,85	EXPLORATION UND BERGBAU	MINERACAO	ND	ND
HISPANOBRAS	ND	ENSIDESA	MINERACAO	ND	ND
ITABRASCO	ND	FINANZIARIA SIDERURGICA SPA FINSIDER	MINERACAO	ND	ND
NIBRASCO	ND	NKK CORP	MINERACAO	10.925,80	ND
CELITE S A INDUSTRIA E COMERCIO	ND	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CIA VIDRARIA STA. MARINA	327,88	SAINT-GOBAIN	N-METALICOS	10.403,10	3,15%
CIMINAS SA	ND	HOLDERBANK FINANCIERE	N-METALICOS	ND	ND
CISPER DA AMAZONIA S.A	ND	OWENS ILLINOIS INC	N-METALICOS	3.692,00	ND
INCEPA SA	266,25	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CELULOSE NIPO BRASILEIRA S A CENIBRA	221,57	JAPAN BRAZIL PAPER & PULP RD CO	PAPEL E CELULOSE	ND	ND
CHAMPION PAPEL E CELULOSE LTDA.	391,25	CHAMPION INTERNATIONAL CORP	PAPEL E CELULOSE	5.254,20	7,45%
IGARAS PAPEIS E EMBALAGENS SA	ND	RIVERWOOD INTERNATIONAL CO	PAPEL E CELULOSE	ND	ND
RIGESA CELULOSE PAPEL E EMBALAGENS LTDA	176,41	WESTVACO CORPORATION	PAPEL E CELULOSE	ND	ND
3M DO BRASIL LTDA	382,66	3M	QUIMICA	ND	ND
AKZO NOBEL LTDA.	ND	AKZO NV	QUIMICA	8.837,00	ND
BASF BRASILEIRA SA INDUSTRIAS QUIMICAS	365,73	BASF AG	QUIMICA	25.317,00	1,44%
BAYER S/A	529,46	BAYER AG	QUIMICA	23.021,20	2,30%
COPEBRAS S/A	ND	ANGLO AMERICAN CORP	QUIMICA	ND	ND
DOW PRODUTOS QUIMICOS LTDA.	594,89	DOW CHMICAL CO	QUIMICA	17.730,00	3,36%

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
DU PONT DO BRASIL S A	272,36	DU PONT DE NEMOURS	QUIMICA	35.209,00	0,77%
HOECHST DO BRASIL QUIMICA E FARMACEUTICA AS	691,94	HOECHST AG	QUIMICA	24.403,00	2,84%
KODAK BRASILEIRA COMERCIAL E INDUSTRIAL	372,00	EASTMAN KODAK CO	QUIMICA	18.546,00	2,01%
MONSANTO DO BRASIL	247,16	MONSANTO CO	QUIMICA	8.681,00	2,85%
MONSANTO DO BRASIL LTDA	247,16	MONSANTO CO	QUIMICA	8.681,00	2,85%
ORNIEX S A	ND	CRAGNOTTI & PARTNERS	QUIMICA	ND	ND
RHODIA S/A	956,86	RHONE-POULENC SA	QUIMICA	11.463,10	8,35%
SANDOZ S A	196,59	SANDOZ AG	QUIMICA	7.766,10	2,53%
SOLVAY DO BRASIL SA	337,07	SOLVAY SA	QUIMICA	6.692,70	5,04%
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S A	566,37	ALCAN ALUMINIUM	SIDERURGIA/MET	8.839,00	5,41%
ALCOA ALUMINIO S.A	873,44	ALUMINUM Co. OF AMERICA	SIDERURGIA/MET	11.161,00	7,83%
BELGO MINEIRA COMERCIAL EXPORTADORA SA	457,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	2.824,20	16,19%
BILLITON METAIS S/A	288,10	ROYAL-DUTCH SHELL	SIDERURGIA/MET	85.527,90	0,34%
CIA SID BELGO MINEIRA	457,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	2.824,20	16,19%
COMPANHIA METALURGICA BARBARA	ND	SAINT-GOBAIN	SIDERURGIA/MET	10.403,10	ND
CROWN CORK EMBALAGENS SA	ND	CROWN CORK & SEAL CORP	SIDERURGIA/MET	ND	ND
DEGUSSA S/A	210,76	DEGUSSA AG	SIDERURGIA/MET	7.864,30	2,68%
MANNESMANN SA	534,59	MANNESMANN AG	SIDERURGIA/MET	11.872,50	4,50%
ALCATEL TELECOMUNICACOES S/A	ND	ALCATEL ALSTHOM SA	TELECOMUNICAÇÕES	ND	ND
EQUITEL SA	176,59	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	32.659,00	0,54%
ERICSSON TELECOMUNICAÇÕES SA	434,87	TELEFON AB LM ERICSSON	TELECOMUNICAÇÕES	6.249,60	6,96%
NEC DO BRASIL SA	348,42	NEC CORP	TELECOMUNICAÇÕES	24.594,80	1,42%
SIEMENS AS	384,29	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	32.659,00	1,18%

Fonte: Maiores e Melhores (Exame), Conjuntura Econômica, Balanço Anual da Gazeta Mercantil e sites das Empresas na Internet
Os valores apresentados estão em USD.

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
COPEBRAS S/A		ANGLO AMERICAN CORP	QUIMICA		ND
AUTOLATINA BRASIL S.A	3.740,16	VOLKSWAGEN AG	AUTOMOBILISTICA	34.746,40	10,76%
ROBERT BOSCH LIMITADA	381,14	ROBERT BOSCH GMBH	AUTOPEÇAS	16.253,00	2,35%
ZF DO BRASIL SA	266,82	ZF AG	AUTOPEÇAS	3.254,40	8,20%
MERCEDES BENZ DO BRASIL S A	1.718,62	DAIMLER BENZ AG	EQUIP TRANSP	40.616,00	4,23%
KRONES S.A.		KRONES AG	MAQ E EQUIP MEC.		ND
VOITH SA MAQUINAS E EQUIPAMENTOS	417,55	VOITH GMBH	MAQ E EQUIP MEC.		ND
FETERCO MINERAÇÃO	204,85	EXPLORATION UND BERGBAU	MINERAÇÃO		ND
BASF BRASILEIRA SA INDUSTRIAS QUIMICAS	365,73	BASF AG	QUIMICA	25.317,00	1,44%
BAYER S/A	529,46	BAYER AG	QUIMICA	23.021,20	2,30%
HOECHST DO BRASIL QUIMICA E FARMACEUTICA AS	691,94	HOECHST AG	QUIMICA	24.403,00	2,84%
DEGUSSA S/A	210,76	DEGUSSA AG	SIDERURGIA/MET	7.864,30	2,68%
MANNESMANN SA	534,59	MANNESMANN AG	SIDERURGIA/MET	11.872,50	4,50%
EQUITEL SA	176,59	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	32.659,00	0,54%
SIEMENS AS	384,29	SIEMENS AG	TELECOMUNICAÇÕES	32.659,00	1,18%
SANTISTA ALIMENTOS		BUNGE Y BORN	ALIMENTOS		ND
SAMARCO MINERACAO SA	196,61	BROKEN HILL PROPRIETARY CO	MINERAÇÃO	9.127,20	2,15%
SOLVAY DO BRASIL SA	337,07	SOLVAY SA	QUIMICA	6.692,70	5,04%
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S A	566,37	ALCAN ALUMINIUM	SIDERURGIA/MET	8.839,00	6,41%
HISPANOBRAS		ENSIDESA	MINERAÇÃO		ND
CARGILL AGRÍCOLA SA	492,57	CARGILL INC	ALIMENTOS		ND
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS FLEISCHMANN E ROYAL LTDA	239,79	FLEISCHMAN/NABISCO	ALIMENTOS	15.224,00	1,58%
QUAKER BRASIL LTDA	184,29	QUAKER OATS	ALIMENTOS	5.724,30	3,22%
FORD INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	2.295,52	FORD MOTOR CORP	AUTOMOBILISTICA	96.932,60	2,37%
GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	3.326,80	GENERAL MOTORS CORP	AUTOMOBILISTICA	126.974,00	2,62%
ALBARUS SA INDUSTRIA E COMERCIO	143,36	DANA ALBARUS	AUTOPEÇAS	5.156,70	2,78%
CUMMINS BRASIL LTDA	152,30	CUMMINS ENGINE CO	AUTOPEÇAS	3.510,80	4,34%
GOODYEAR DO BRASIL LTDA.	800,00	GOODYEAR TIRE & RUBBER CO	AUTOPEÇAS	11.044,70	7,24%
ROCKWELL DO BRASIL SA		ROCKWELL INTERNATIONAL COPR	AUTOPEÇAS	12.633,10	ND
TRW DO BRASIL SA	278,43	TRW INC	AUTOPEÇAS	7.408,00	3,76%
IBM BRASIL-INDUSTRIA MAQUINAS E SERVICOS LTDA	1.380,17	IBM CORP	ELETROELETR/INF	63.438,00	2,18%
SINGER DO BRASIL IND E COM LTDA	169,69	SINGER I BV	ELETROELETR/INF		ND
SPRINGER CARRIER SA	289,37	UNITED TECHNOLOGIES CORP	ELETROELETR/INF	19.765,50	1,46%
UNISYS ELETRONICA LTDA	399,04	UNISYS CORP	ELETROELETR/INF	10.096,90	3,95%
XEROX DO BRASIL	652,96	XEROX	ELETROELETR/INF	17.635,00	3,70%
CATERPILLAR DO BRASIL SA	679,08	CATERPILLAR INC	EQUIP TRANSP	11.126,00	6,10%
EQUIPAMENTOS CLARK LTDA		CLARK EQUIPMENT CO	EQUIP TRANSP		ND
ABBOTT LABORATORIOS DO BRASIL LTDA		ABBOTT LABORATORIES	FARMACEUTICA	5.453,50	ND
BRISTOL MYERS SQUIBB BRASIL SA		BRISTOL-MYERS SQUIBB CO	FARMACEUTICA	9.422,00	ND
MERCK SHARP & DOHME FARMACEUTICA E VETERINARIA LTDA	106,71	MERCK CORP	FARMACEUTICA	6.698,40	1,59%
SCHERING PLOUGH S/A		SCHERING PLOUGH CO	FARMACEUTICA	3.243,00	ND
PHILLIP MORRIS MARKETING SA	303,33	PHILLIP MORRIS INC	FUMO	39.069,00	0,78%
COLGATE PALMOLIVE LTDA	268,60	COLGATE-PALMOLIVE CO	HIGIENE E LIMPEZA	5.110,20	5,26%

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
GILETE DO BRASIL LTDA	180,81	GILLETTE CO	HIGIENE E LIMPEZA	3.849,60	4,70%
JOHNSON & JOHNSON INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	360,12	JOHNSON & JOHNSON	HIGIENE E LIMPEZA	9.844,00	3,66%
GENERAL ELECTRIC DO BRASIL SA	285,22	GENERAL ELECTRIC CO	MAQ E EQUIP ELE.	55.264,00	0,52%
ARMCO DO BRASIL S/A	264,87	ARMCO INC	MAQ E EQUIP MEC.	2.494,40	10,62%
CISPER DA AMAZONIA S.A		OWENS ILLINOIS INC	N-METALICOS	3.692,00	ND
CHAMPION PAPEL E CELULOSE LTDA.	391,25	CHAMPION INTERNATIONAL CORP	PAPEL E CELULOSE	5.254,20	7,45%
IGARAS PAPEIS E EMBALAGENS SA		RIVERWOOD INTERNATIONAL CO	PAPEL E CELULOSE		ND
RIGESA CELULOSE PAPEL E EMBALAGENS LTDA	176,41	WESTVACO CORPORATION	PAPEL E CELULOSE		ND
3M DO BRASIL LTDA	382,66	3M	QUIMICA		ND
DOW PRODUTOS QUIMICOS LTDA.	594,89	DOW CHMICAL CO	QUIMICA	17.730,00	3,36%
DU PONT DO BRASIL S A	272,36	DU PONT DE NEMOURS	QUIMICA	35.209,00	0,77%
KODAK BRASILEIRA COMERCIAL E INDUSTRIAL	372,00	EASTMAN KODAK CO	QUIMICA	18.546,00	2,01%
MONSANTO DO BRASIL	247,16	MONSANTO CO	QUIMICA	8.681,00	2,85%
MONSANTO DO BRASIL LTDA	247,16	MONSANTO CO	QUIMICA	8.681,00	2,85%
ALCOA ALUMINIO S.A	873,44	ALUMINUM Co. OF AMERICA	SIDERURGIA/MET	11.161,00	7,83%
CROWN CORK EMBALAGENS SA		CROWN CORK & SEAL CORP	SIDERURGIA/MET		ND
COOPERCITRUS INDUSTRIAL FRUTESP SA		DREYFUS & CIE	ALIMENTOS		ND
PNEUMATICOS MICHELIN	197,36	MICHELIN	AUTOPEÇAS	8.668,70	2,28%
SCHLUMBERGER INDUSTRIAS LTDA.		SCHLUMBERGER	MAQ E EQUIP ELE.	4.843,70	ND
CIA VIDRARIA STA. MARINA	327,88	SAINT-GOBAIN	N-METALICOS	10.403,10	3,15%
RHODIA S/A	956,86	RHONE-POULENC SA	QUIMICA	11.463,10	8,35%
COMPANHIA METALURGICA BARBARA		SAINT-GOBAIN	SIDERURGIA/MET	10.403,10	ND
ALCATEL TELECOMUNICACOES S/A		ALCATEL ALSTHOM SA	TELECOMUNICAÇÕES		ND
PHILIPS DA AMAZONIA SA INDUSTRIA ELETRONICA	324,46	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	26.992,50	1,20%
PHILIPS DO BRASIL LTDA	1.437,88	PHILLIPS GLOEILAMPENFABRIKEN	ELETROELETR/INF	26.992,50	5,33%
AKZO NOBEL LTDA.		AKZO NV	QUIMICA	8.837,00	ND
COEMSA ANSALDO SA		ANSALDO SPA	ALIMENTOS		ND
FIAT AUTOMOVEIS SA	1.473,94	FIAT SPA	AUTOMOBILISTICA	36.740,80	4,01%
PIRELLI PNEUS SA	694,04	PIRELLI PNEUS	AUTOPEÇAS	7.451,50	9,31%
FIAT ALLIS LATINOAMERICANA SA	135,66	FIAT SPA	EQUIP TRANSP	36.740,80	0,37%
PIRELLI CABOS SA	577,92	PIRELLI SPA	MAQ E EQUIP ELE.	7.451,50	7,76%
ITABRASCO		FINANZIARIA SIDERURGICA SPA FINSIDER	MINERAÇÃO		ND
ORNIEX S A		CRAGNOTTI & PARTNERS	QUIMICA		ND
BRIDGESTONE FIRESTONE DO BRASIL	400,00	BRIDGESTONE CORP	AUTOPEÇAS	12.379,10	3,23%
FUJITSU DO BRASIL LTDA		FUJITSU LTD	ELETROELETR/INF	18.734,10	ND
PANASONIC DO BRASIL LTDA		MATSUSHITA ELETIC CO	ELETROELETR/INF	43.086,00	ND
SANYO DA AMAZONIA SA		SANYO ELETTRICORP	ELETROELETR/INF	10.486,90	ND
SEMP TOSHIBA AMAZONAS SA	293,61	TOSHIBA CORPORATION	ELETROELETR/INF	29.469,30	1,00%
SONY DA AMAZONIA LTDA		SONY CORPORATION	ELETROELETR/INF	16.680,20	ND
KOMATSU DO BRASIL SA	129,99	KOMATSU MANUFACTURING	EQUIP TRANSP	6.349,10	2,05%
FURUKAWA SA PRODS ELETRICOS	127,28	FURUKAWA ELETIC CORP	MAQ E EQUIP ELE.	5.651,10	2,25%
TOSHIBA DO BRASIL S A		TOSHIBA CORPORATION	MAQ E EQUIP ELE.	29.469,30	ND
NIBRASCO		NKK CORP	MINERAÇÃO	10.925,80	ND

EMPRESA	FAT. (1)	MATRIZ	SETOR	FAT. MATRIZ (2)	1/2
CELULOSE NIPO BRASILEIRA S A CENIBRA	221,57	JAPAN BRAZIL PAPER & PULP RD CO	PAPEL E CELULOSE		ND
NEC DO BRASIL SA	348,42	NEC CORP	TELECOMUNICAÇÕES	24.594,80	1,42%
BELGO MINEIRA COMERCIAL EXPORTADORA SA	457,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	2.824,20	16,19%
CIA SID BELGO MINEIRA	457,30	ARBED SA (35%)	SIDERURGIA/MET	2.824,20	16,19%
ELECTROLUX LTDA	ND	ELECTROLUX AB	ELETROELETR/INF	13.299,80	ND
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	493,06	SAAB SCANIA AB	EQUIP TRANSP	7.219,00	6,83%
VOLVO DO BRASIL VEICULOS LTDA	406,93	VOLVO AB	EQUIP TRANSP	14.637,70	2,78%
ERICSSON TELECOMUNICAÇÕES SA	434,87	TELEFON ABLM ERICSSON	TELECOMUNICAÇÕES	6.249,60	6,96%
NESTLE INDL. E COML. LTDA	1.804,54	NESTLE SA	ALIMENTOS	29.364,80	6,15%
REFINADORA DE OLEOS BRASIL LTDA	ND	ANDRE & CIE	ALIMENTOS	ND	ND
PRODUTOS ROCHE QUIMICOS E FARMACEUTICOS S A	187,00	HOFFMANN-LA ROCHE & CO	FARMACEUTICA	6.369,80	2,94%
ASEA BROWN BOVERI LTDA	234,75	ASEA BROWN BOVERI & CIE	MAQ E EQUIP ELE.	21.209,00	1,11%
ELEVADORES SCHINDLER DO BRASIL SA	ND	SCHINDLER HOLDING AG	MAQ E EQUIP MEC.	4.843,70	ND
SULZER BRASIL S A	ND	SULZER AG	MAQ E EQUIP MEC.	4.088,00	ND
CELITE S A INDUSTRIA E COMERCIO	ND	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
CIMINAS SA	ND	HOLDERBANK FINANCIERE	N-METALICOS	ND	ND
INCEPA SA	266,25	KERAMIK HOLDING	N-METALICOS	ND	ND
SANDOZ S A	196,59	SANDOZ AG	QUIMICA	7.766,10	2,53%
GLAXO WELLCOME S/A	ND	GLAXO HOLDINS	FARMACEUTICA	4.408,30	ND
SOUZA CRUZ SA	2.981,56	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	ND	ND
SOUZA CRUZ TRADING SA	158,39	BAT INDUSTRIES PLC	FUMO	ND	ND
INDUSTRIAS GESSY LEVER LTDA	1.061,33	UNILEVER	HIGIENE E LIMPEZA	35.284,40	3,01%
BILLITON METAIS S/A	288,10	ROYAL-DUTCH SHELL	SIDERURGIA/MET	85.527,90	0,34%

Fonte: Maiores e Melhores (Exame), Conjuntura Econômica, Balanço Anual da Gazeta Mercantil e sites das Empresas na Internet

Os valores apresentados estão em USD.